



O pequeno museu dedicado às obras de Ambroise Fleury, em Cléry, hoje não passa de uma atração turística menor. A maioria dos visitantes o procura depois de um almoço no Clos Joli, que todos os guias da França são unânimes em celebrar como um dos monumentos do país. Os mesmos guias mencionam a existência do museu com um simples “merece uma passada”. Suas cinco salas guardam quase todas as obras de meu tio que sobreviveram à guerra, à Ocupação, às lutas da Libertação e a todas as vicissitudes e lassitudes que nosso povo conheceu.

Qualquer que seja o país de origem, as pipas nascem do imaginário popular, o que sempre lhes confere certo ar naïf. As de Ambroise Fleury não constituem exceção à regra; mesmo suas últimas peças, feitas na velhice, guardam esse toque de frescor e inocência. O museu, apesar do pouco interesse que desperta e da modesta subvenção que recebe da municipalidade, não corre o risco de fechar as portas, está ligado demais à nossa história, mas suas salas passam a maior parte do tempo vazias, pois vivemos numa época em que os franceses mais buscam esquecer do que recordar.

A melhor fotografia de Ambroise Fleury encontra-se à entrada do museu. Ele aparece em seu traje de carteiro rural, de quepe, uniforme e grandes borzeguins, a pasta de couro atravessada ao peito, entre a pipa de uma joaninha e a de Gambetta, cujos rosto e corpo formam o balão e o cesto de seu famoso voo durante o cerco de Paris. Existem várias imagens do “carteiro biruta” de Cléry, como ele por muito tempo foi chamado, pois quase todos os visitantes de seu ateliê de La Motte o fotografavam para fazer troça. Meu tio se prestava a isso de bom grado. Ele não tinha medo do ridículo e não se queixava do epíteto de “carteiro biruta” nem do de “dócil excêntrico”, e

embora soubesse que os moradores da região o chamavam de “velho e louco Fleury”, ele parecia ver nisso mais um sinal de estima do que de desprezo. Nos anos 1930, quando a reputação de meu tio começou a crescer, o dono do Clos Joli, Marcellin Duprat, teve a ideia de imprimir cartões-postais que mostravam meu tutor de uniforme, entre suas pipas, com a legenda: *Cléry. O famoso carteiro rural Ambroise Fleury e suas pipas*. Infelizmente, todos os cartões-postais saíram em preto e branco e não revelam a alegria de cores e formas das pipas, a bonomia sorridente e o que eu chamaria de piscadelas que o velho normando lançava aos céus.

Meu pai foi morto durante a Primeira Guerra Mundial, e minha mãe morreu logo depois. A guerra também tirara a vida do segundo dos três irmãos Fleury, Robert; meu tio Ambroise voltou depois que um tiro lhe atravessara o peito. Preciso acrescentar, para a clareza da história, que meu bisavô, Antoine, morrera nas barricadas da Comuna, e creio que esse pequeno resumo de nosso passado e, principalmente, os dois nomes Fleury gravados no memorial aos mortos de Cléry desempenharam um papel decisivo na vida de meu tutor. Ele se tornou muito diferente do homem que havia sido antes da Primeira Guerra, conhecido na região por ser bom de briga. As pessoas se espantavam que um soldado que recebera a medalha militar nunca mais perdesse a ocasião de manifestar suas opiniões pacifistas, defendesse os objetores de consciência e condenasse todas as formas de violência, com uma chama no olhar que, no fim das contas, talvez não fosse mais que o reflexo daquela que arde no túmulo do soldado desconhecido. Fisicamente, ele não tinha nada de dócil. Rosto bem talhado, duro e voluntarioso, cabelos grisalhos, cortados à escovinha, e um desses bigodes densos e compridos chamados “de gaulês”, pois os franceses, graças a Deus, ainda se apegam a certas lembranças históricas, ainda que elas venham apenas de seus pelos. Seu olhar era sombrio, que sempre é o melhor fundo para a alegria. Diziam que ele voltara “baratinado” da guerra; era assim que explicavam seu pacifismo e também a mania que ele

tinha de passar todo o seu tempo livre com as pipas: com suas *gnamas*, como as chamava. Ele descobriu essa palavra num livro sobre a África Equatorial, onde aparentemente ela significa tudo aquilo que carrega o sopro da vida, homens, mosquitos, leões, ideias ou elefantes. Ao que tudo indica, escolheu o ofício de carteiro rural porque a medalha militar e as duas menções à Cruz de Guerra que recebeu lhe davam direito a um emprego reservado, ou quem sabe achasse que a atividade cairia bem a um pacifista. Ele costumava me dizer:

— Com um pouco de sorte, meu pequeno Ludo, se trabalhar direito, você um dia talvez consiga um cargo administrativo nos Correios.

Levei anos para reconhecer o que nele vinha de um forte senso de gravidade e fidelidade e o que era fruto de uma veia zombeteira que parecia surgir do fundo comum em que os franceses buscam a si mesmos quando perdidos.

Meu tio dizia que “as pipas precisam aprender a voar, como todo mundo”, e, desde os sete anos de idade, eu o acompanhava, depois da escola, ao que ele chamava de “treinamento”, ora no campo em frente de La Motte, ora um pouco mais longe, às margens do canal, com uma *gnama* ainda cheirando a cola fresca.

— Você precisa segurar firme — ele explicava —, porque elas puxam e às vezes se soltam, sobem alto demais, partem em busca do céu azul e só voltamos a vê-las quando alguém as encontra, aos pedaços.

— Mas, se eu segurar firme demais, não vou sair voando junto?

Ele sorria, o que tornava seu grande bigode ainda mais bondoso.

— Pode acontecer — ele dizia. — Não se deixe levar.

Meu tio dava nomes afetuosos a suas pipas — Come-Mosca, Folgazão, Solavanco, Rechonchudo, Zigomar, Palpitar, Amável —, mas eu nunca soube o porquê de alguns, por que Titúbio, uma espécie de rã engraçada, com patas que acenavam “bom-dia” ao vento, se chamava assim e não Abano, que era um peixe todo sorridente, que tremelicava nos ares suas escamas

prateadas e suas nadadeiras rosadas, ou por que ele soltava Popozinho acima do campo em frente de La Motte e não Mimile, um marciano que eu achava muito simpático, de olhos redondos e asas no formato de orelhas, que começavam a se agitar quando ele subia, gestos que eu treinava e imitava com sucesso, vencendo todos os meus colegas em nossas competições. Quando lançava uma *gnama* com formas que eu não entendia, meu tio explicava:

— Precisamos nos esforçar para que algumas sejam diferentes de tudo o que já se viu e conheceu. Para que sejam realmente novas. Mas é então que precisamos segurá-las na ponta da linha com mais firmeza ainda, porque, quando se soltam, elas partem em busca do céu azul e correm o risco de causar grandes estragos ao cair.

Às vezes eu tinha a impressão de que era a pipa que segurava Ambroise Fleury na ponta da linha.

Por muito tempo, minha preferida foi o valente Rechonchudo, que tinha uma barriga que se enchia surpreendentemente de ar assim que pegava altitude e que, por menor que fosse a brisa, dava cambalhotas batendo comicamente as patas na pança, dependendo de como meu tio puxava ou soltava a linha.

Eu deixava Rechonchudo dormir comigo, pois aqui embaixo uma pipa precisa de muita amizade; ela perde a forma, vive rente ao chão e facilmente se entristece. Ela precisa de altura, ar livre e muito céu ao redor para desabrochar em toda a sua beleza.

Meu tutor passava os dias percorrendo os campos no exercício de sua profissão, levando aos moradores da região a correspondência que buscava pela manhã na agência dos Correios. Mas, quando voltava da escola, depois de uma pernada de cinco quilômetros, eu o encontrava quase sempre vestido com seu uniforme de carteiro no campo de La Motte — as correntes de ar eram mais favoráveis no fim da tarde —, os olhos erguidos para um de seus “pequenos amigos” tremulando acima de nós.

E mesmo assim, quando um dia perdemos nossa magnífica

Quatromares, que o vento, enchendo suas doze velas de uma só vez, arrancou de minha mão com carretilha e tudo, meu tio, seguindo com o olhar sua obra que se perdia no azul do céu, me disse, enquanto eu choramingava:

— Não chore. Ela foi feita para isso. Está feliz, lá no alto.

No dia seguinte, um fazendeiro dos arredores nos trouxe, em sua carroça de feno, um amontoado de madeira e papel que era tudo o que restava de Quatromares.

Eu tinha dez anos quando a *Gazette* de Honfleur dedicou um artigo, escrito de maneira irônica, a “nosso concidadão Ambroise Fleury, carteiro rural em Cléry, um simpático excêntrico cujas pipas um dia farão a fama dessa localidade, como as rendas fizeram a glória de Valenciennes; a porcelana, a de Limoges; e as balas de menta, a de Cambrai”. Meu tio recortou o artigo, enquadrou-o e o pendurou na parede do ateliê.

— Também tenho minha vaidade, como pode ver — ele me disse, com uma piscada brincalhona.

A crônica da *Gazette*, com a foto que a acompanhava, foi republicada por um jornal parisiense, e logo nosso celeiro, a partir de então chamado de “ateliê”, começou a receber não apenas visitantes, mas também encomendas. O dono do Clos Joli, que era um velho amigo de meu tio, recomendava a “curiosidade local” a seus clientes. Um dia, um automóvel parou na frente de nossa fazenda e dele desceu um senhor muito elegante. Fiquei bastante impressionado com seus bigodes, que subiam até as orelhas e se misturavam às suíças, cortando o rosto em dois. Mais tarde tomei conhecimento de que se tratava de um grande colecionador inglês, lorde Howe; viajava com um lacaio e um baú. Quando este foi aberto, descobri, cuidadosamente acomodadas sobre um forro de veludo feito sob medida, magníficas pipas de diversos países — Birmânia, Japão, China e Sião. Meu tio foi convidado a admirá-las, o que fez com toda a sinceridade, pois era totalmente desprovido de chauvinismo. Sua única pequena mania, nesse quesito, era afirmar que a pipa só adquirira seus títulos de nobreza na França, em 1789. Depois de prestar homenagem às peças exibidas pelo

coleccionador inglês, ele lhe mostrou algumas de suas próprias criações, entre as quais um Victor Hugo carregado pelas nuvens, inspirado na famosa fotografia de Nadar, e que, nos ares, fazia o poeta lembrar o Deus pai. Depois de uma ou duas horas de inspeção e elogios recíprocos, os dois homens caminharam até o campo e, cada um escolhendo a pipa do outro, por cortesia, alegraram o céu normando até que todos os garotos dos arredores acoressessem para participar da festa.

A fama de Ambroise Fleury seguiu crescendo, mas não o fez perder a cabeça, nem mesmo quando sua Grande Donzela de Barrete Frígio — ele era republicano até a medula — ganhou o primeiro prêmio da convenção de Nogent, tampouco quando foi convidado por lorde Howe para ir a Londres, onde fez uma demonstração de algumas de suas obras durante um encontro no Hyde Park. O clima político da Europa começava a se anuviar, depois da chegada de Hitler ao poder e da ocupação da Renânia, e aquela foi uma das inúmeras manifestações da aliança franco-britânica que aconteciam à época. Guardei a foto do *Illustrated London News* em que Ambroise Fleury aparece com sua Liberdade Iluminando o Mundo, entre lorde Howe e o príncipe de Gales. Depois dessa consagração quase oficial, Ambroise Fleury foi eleito para a associação Pipas da França, primeiro como membro, mais tarde como presidente honorário. As visitas dos curiosos se tornaram cada vez mais numerosas. Belas senhoras e elegantes senhores que vinham de Paris de automóvel para almoçar no Clos Joli em seguida nos visitavam e pediam ao “mestre” que fizesse uma demonstração de algumas de suas peças. As belas senhoras sentavam-se na grama, os elegantes senhores, charuto na boca, esforçavam-se para manter a seriedade, e todos se deleitavam com o “carteiro biruta”, com seu Montaigne ou sua Paz Mundial na ponta da linha, fixando o azul do céu com o olhar agudo dos grandes navegadores. Eu percebia que havia algo de insultante no riso das belas senhoras e nos olhares altivos dos elegantes senhores, e acontecia-me de por acaso ouvir uma observação indelicada ou cheia de piedade. “Parece que não bate bem da cabeça. Na guerra, foi atingido por

uma granada.” “Ele se diz pacifista e objetor de consciência, mas acho que é um espertalhão que sabe se promover muito bem.” “É de morrer de rir!” “Marcellin Duprat tinha razão, a visita vale muito a pena!” “Não acha que parece o marechal Lyautey, com esse cabelo grisalho à escovinha e esse bigode?” “Ele tem algo de maluco no olhar.” “Mas é claro, minha cara: é o fogo sagrado!” A seguir, compravam uma pipa como se pagassem pelo ingresso do espetáculo e a atiravam no porta-malas do carro sem o menor respeito. Era ainda mais difícil ouvir essas coisas porque meu tio, completamente entregue à sua paixão, mantinha-se indiferente ao que acontecia a seu redor e não percebia que alguns de nossos visitantes se divertiam às suas custas. Um dia, voltando para casa, furioso com as observações que eu flagrara enquanto meu tutor manobrava pelos ares sua preferida de sempre, uma Jean-Jacques Rousseau com asas no formato de livros abertos que tinham as páginas viradas pelo vento, não pude conter minha indignação. Eu caminhava atrás dele a passos largos, cenho franzido, mãos nos bolsos, batendo os pés com tanta força que minhas meias caíam até os calcanhares.

— Tio, aqueles parisienses zombaram do senhor. Eles o chamaram de velho maluco.

Ambroise Fleury parou. Em vez de ficar zangado, pareceu satisfeito.

— Mesmo? Eles disseram isso?

Lancei-lhe então, do alto de meu um metro e quarenta, uma frase que tinha ouvido dos lábios de Marcellin Duprat a respeito de um casal de clientes do Clos Joli que se queixara da conta:

— São uma gente pequena.

— Não existe gente pequena — disse meu tio.

Ele se inclinou, pousou Jean-Jacques Rousseau delicadamente na grama e se sentou. Instalei-me a seu lado.

— Então fui chamado de louco. Muito bem, fique sabendo que aqueles elegantes senhores e aquelas belas senhoras têm razão. É indiscutível que um homem que dedicou a vida inteira às pipas não está desprovido de um grão de loucura. Trata-se apenas de uma questão de interpretação. Alguns dizem “um grão

de loucura”, outros preferem “uma centelha sagrada”. Às vezes é difícil distinguir uma coisa da outra. Quando realmente ama alguém ou alguma coisa, você dá tudo o que tem, e mesmo tudo o que é, e não se preocupa com o resto...

Seus grandes bigodes tiveram um rápido tremor de alegria.

— Isso é o que precisa saber, Ludo, se quiser se tornar um bom funcionário dos Correios.

Nossa fazenda estava na família desde que um dos Fleury a construía, pouco depois dos “acontecimentos”, como ainda se dizia no tempo de meus avós. Quando um dia tive a curiosidade de saber que “acontecimentos” eram aqueles, meu tio me explicou que se tratava da revolução de 1789. Descobri, assim, que a família tinha a memória longa.

— Não sei se é um efeito do ensino público obrigatório, mas os Fleury sempre tiveram uma impressionante memória histórica. Acho que nenhum de nós jamais esqueceu algo que tenha aprendido. Meu avô às vezes nos fazia recitar a Declaração dos Direitos do Homem. Fiquei tão acostumado a recitá-la que até hoje me pego fazendo isso.

Percebi, na mesma época — eu acabara de fazer dez anos —, que minha própria memória, ainda sem esse caráter “histórico”, tornava-se uma fonte de espanto e até mesmo de preocupação para meu professor, o sr. Herbier, que nas horas vagas cantava como baixo no coral de Cléry. A facilidade com que eu memorizava tudo o que aprendia, podendo recitar de cor várias páginas de meu livro-texto depois de uma ou duas leituras, bem como minha singular aptidão para o cálculo mental, pareciam-lhe decorrer de alguma malformação do cérebro, e não das capacidades, ainda que excepcionais, de um bom aluno. Ele estava ainda mais inclinado a desconfiar daquilo que nunca chamava de meus dons, mas de minhas “predisposições” — e a ênfase bastante sinistra com que dizia essa palavra fazia com que eu me sentisse quase culpado —, porque, sendo o “grão de loucura” de meu tio reconhecido como tal por todos, eu parecia atingido por algum defeito hereditário que poderia se revelar fatal. A frase que eu mais ouvia da boca do sr. Herbier era: “Moderação acima de tudo”. Ele me encarava gravemente ao

pronunciar essa verdadeira advertência. Quando minhas predisposições se manifestaram de maneira muito clara, a ponto de eu ser delatado por um colega porque vencera uma aposta e embolsara uma quantia generosa depois de recitar dez páginas de tabelas do Horário Ferroviário de Chaix, fiquei sabendo que o sr. Herbier havia utilizado a expressão “pequeno monstro” para se referir a mim. Eu piorava minha situação dedicando-me, mentalmente, a extrair a raiz quadrada e a fazer a multiplicação de números bastante extensos. O sr. Herbier veio a La Motte, falou com meu tutor por um bom tempo e o aconselhou a me enviar a Paris para ser examinado por um especialista. Com o ouvido colado à porta, não perdi nada da conversa.

— Estamos falando, Ambroise, de uma capacidade que não é normal. Já vimos crianças surpreendentemente dotadas para o cálculo mental mais tarde se tornarem simplórias. São exibidas em palcos de music hall, e nada mais. Uma parte de seu cérebro se desenvolve de maneira fulminante, mas no resto tornam-se verdadeiros imbecis. Em seu estado atual, Ludovic quase seria aprovado no concurso da Politécnica.

— De fato, é curioso — disse meu tio. — Nós, os Fleury, costumamos ser mais dotados para a memória histórica. Tivemos até um fuzilado durante a Comuna.

— Não vejo a relação.

— Mais um que se lembrava.

— Lembrava-se de quê?

Meu tio guardou um momento de silêncio.

— De tudo, provavelmente — acabou dizendo.

— O senhor está insinuando que seu ancestral foi fuzilado por excesso de memória?

— É exatamente o que estou dizendo. Ele devia saber de cor tudo o que o povo francês padeceu ao longo dos tempos.

— Ambroise, você é conhecido na região, desculpe-me por dizer isso, como um... enfim, como um obcecado, mas não vim falar de suas pipas.

— Bem, sim, o que posso fazer, também sou um simplório.

— Vim apenas avisá-lo de que o pequeno Ludovic tem

capacidades de memória que não correspondem à sua idade, nem, aliás, a nenhuma idade. Ele recitou de cor o Horário Ferroviário de Chaix. Dez páginas. Multiplicou de cabeça um número de catorze dígitos por outro igualmente comprido.

— Bom, então com ele a coisa foi para os números. Não parece ter sido atingido pela memória histórica. Talvez isso evite um fuzilamento, da próxima vez.

— Que próxima vez?

— Como vou saber? Há sempre uma próxima vez.

— Ele deveria ser examinado por um médico.

— Escute, Herbier, está começando a me incomodar. Se meu sobrinho fosse realmente anormal, ele seria um imbecil. Até logo e obrigado pela visita. Compreendo que veio com boas intenções. Por acaso ele é tão dotado para o estudo da história quanto para o da matemática?

— Mais uma vez, Ambroise, não podemos falar em dom. Nem mesmo em inteligência. A inteligência supõe *raciocínio*. Insisto neste ponto: *raciocínio*. Ora, ele não raciocina nem melhor nem pior que os outros garotos da mesma idade. Quanto à história da França, ele é capaz de recitá-la de A a Z.

Houve um silêncio ainda mais longo, depois do qual ouvi meu tio gritar:

— A Z? Que Z? Já temos um Z em vista?

O sr. Herbier não soube o que responder. Depois da derrota de 1940, quando o Z apareceu com clareza no horizonte, várias vezes me vi pensando nessa conversa.

O único professor que não parecia nem um pouco incomodado com minhas “predisposições” era o professor de francês, o sr. Pinder. Ele pareceu zangado uma única vez, quando recitei *Os conquistadores* e, em meu desejo de superar a mim mesmo, disse o poema de trás para a frente, começando pelo último verso. O sr. Pinder me interrompeu e me ameaçou com o dedo.

— Meu pequeno Ludovic, não sei se é assim que você se prepara para isso que parece ameaçar a todos nós, isto é, para uma vida de ponta-cabeça, num mundo de ponta-cabeça, mas

peço que ao menos poupe a poesia.

Foi o mesmo sr. Pinder que mais tarde nos passou um tema de redação que acabou desempenhando um papel importante em minha vida: “Analise e compare as duas expressões: ‘saber manter a razão’ e ‘manter sua razão de viver’. Diga se vê alguma contradição entre as duas ideias”.

É preciso reconhecer que o sr. Herbier não estava inteiramente errado ao comunicar a meu tio suas preocupações a meu respeito, por temor de que a facilidade com que eu memorizava tudo não viesse acompanhada de progressos na maturidade, na ponderação e no bom senso. Talvez isso aconteça mais ou menos com todos os que sofrem de um excesso de memória, como alguns anos depois tivemos a prova, quando tantos franceses morreram deportados ou fuzilados.

Nossa fazenda ficava depois do povoado de Clos, na orla da floresta de Voigny, onde samambaias e giestas se misturavam a faias e carvalhos e onde havia cervos e javalis. Mais adiante começavam os pântanos, onde reinava a paz dos marrecos, das lontras, das libélulas e dos cisnes.

La Motte ficava bastante isolada. Nossos vizinhos mais próximos, a uma boa meia hora de caminhada, eram os Cailleux; o pequeno Jeannot Cailleux era dois anos mais novo que eu e, para ele, eu era “grande”; seus pais tinham uma laticínio na cidade; o avô, Gaston, que perdera uma perna num acidente na serraria, criava abelhas. Mais adiante havia os Magnard: taciturnos, indiferentes a tudo que não fosse vaca, manteiga e pastagens, pai, filho e duas filhas solteironas nunca falavam com ninguém.

— A não ser para dizer ou perguntar o preço de algo — resmungava Gaston Cailleux.

Afora isso, a única coisa entre La Motte e Cléry eram as fazendas dos Monnier e dos Simon, cujos filhos eram meus colegas na escola.

Eu conhecia os bosques dos arredores em seus recantos mais secretos. Meu tio me ajudara a construir, no fundo de uma ravina, num lugar chamado Velha Fonte, um *wigwam* como os dos peles-vermelhas, uma tenda feita de galhos e coberta por uma lona, onde eu me refugiava com os livros de James Oliver Curwood e Fenimore Cooper, para sonhar com apaches e sioux, ou para me defender até o último cartucho quando cercado pelas forças inimigas, sempre “superiores em número”, como manda a tradição. Em meados de junho, depois de me empanturrar de morangos silvestres e cochilar, abri os olhos e vi à minha frente uma garotinha muito loira sob um grande chapéu de palha,

encarando-me com severidade. Havia luzes e sombras sob os galhos e até hoje, depois de tantos anos, ainda tenho a impressão de que esse jogo de claro-escuro nunca deixou de existir em torno de Lila e de que naquele instante de emoção, cuja razão ou natureza eu não compreendia, de certo modo fui avisado disso. Instintivamente, sob efeito de não sei que força ou fraqueza interna, fiz um gesto cujo caráter definitivo e irrevogável eu estava longe de pressentir: estendi um punhado de morangos a essa aparição loira e severa. Não me saí muito bem. A garotinha veio se sentar a meu lado e, sem prestar a menor atenção à minha oferta, pegou a cesta inteira. E assim foram determinados nossos papéis para todo o sempre. Quando sobraram apenas alguns morangos no fundo da cesta, ela a devolveu para mim e disse, não sem censura:

— Prefiro com açúcar.

Havia uma única coisa a fazer e não hesitei. Levantei-me num salto, fechei os punhos e saí correndo por bosques e campos até La Motte, onde irrompi na cozinha como uma bala de canhão, peguei a caixa de açúcar na prateleira e na mesma velocidade refiz meus passos em sentido contrário. Ela continuava lá, sentada na grama, chapéu pousado ao lado, contemplando uma joaninha no dorso da mão. Estendi-lhe o açúcar.

— Não quero mais. Mas é gentil da sua parte.

— Vamos deixar o açúcar aqui e voltar amanhã — eu disse, com a inspiração do desespero.

— Talvez. Qual o seu nome?

— Ludo. E o seu?

A joaninha saiu voando.

— Ainda não nos conhecemos direito. Talvez um dia eu diga como me chamo. Sou bastante misteriosa, sabe? É provável que nunca mais volte a me ver. O que fazem seus pais?

— Não tenho pais. Moro com meu tio.

— O que ele faz?

Senti vagamente que “carteiro rural” não seria uma boa resposta.

— Ele é mestre artesão de pipas.

Ela pareceu positivamente impressionada.

— O que isso quer dizer?

— Ele é como um grande capitão, mas dos céus.

Ela pensou por um momento, depois se levantou.

— Talvez eu volte amanhã. Não sei. Sou muito imprevisível.

Quantos anos você tem?

— Quase dez anos.

— Ah, você é jovem demais para mim. Tenho onze anos e meio. Mas gosto de morangos silvestres. Vou voltar, se não tiver nada mais divertido a fazer.

E ela se foi, depois de me lançar um último olhar severo.

No dia seguinte, devo ter colhido três quilos de morangos. A cada poucos minutos, corria para ver se ela havia chegado. Ela não veio naquele dia. Nem no seguinte, nem dois dias depois.

Esperei-a todos os dias do mês de junho, julho, agosto e setembro. No início, eu contava com os morangos, depois com os mirtilos, depois com as amoras, depois com os cogumelos. Eu só conheceria agonia semelhante entre 1940 e 1944, durante a Ocupação, à espera do retorno da França. Mesmo depois de até os cogumelos me abandonarem, continuei voltando à floresta, ao local de nosso encontro. O ano passou e depois outro e mais outro, e descobri que o sr. Herbier não se equivocara totalmente ao advertir meu tio de que minha memória tinha algo de preocupante. Os Fleury deviam de fato sofrer de alguma enfermidade congênita: não tínhamos a apaziguadora capacidade de esquecer. Eu estudava, ajudava meu tutor no ateliê, mas eram raros os dias em que uma garotinha loira de vestido branco, com um grande chapéu de palha na mão, não viesse me fazer companhia. Tratava-se, sem dúvida, de um “excesso de memória”, como sentenciara com muita propriedade o sr. Herbier, que não devia padecer do problema, pois se manteve com cuidado à distância de tudo aquilo que, sob os nazistas, intensa e perigosamente envolvesse a lembrança. Três ou quatro anos depois de nosso encontro, ainda me acontecia de, assim que surgiam os primeiros morangos, encher minha cesta e, deitado sob as faias, as mãos atrás da cabeça, fechar os olhos para

encorajá-la a me surpreender. Eu não me esquecia nem da caixa de açúcar. Claro que, com o passar do tempo, tudo crescia em diversão. Eu começava a entender o que meu tio chamava de “a busca do céu azul” e aprendia a zombar de mim mesmo e de meu excesso de memória.

Fiz meu exame *baccalauréat* aos catorze anos, graças a uma autorização obtida com a ajuda de uma certidão de nascimento “ajustada” pelo secretário da prefeitura, o sr. Julliac, que me fazia ter quinze. Eu ainda não sabia o que queria fazer da vida. Enquanto isso, meus dons para a matemática incitaram Marcellin Duprat a me confiar a contabilidade do Clos Joli, onde eu trabalhava duas vezes por semana. Eu lia tudo o que me caísse nas mãos, de contos satíricos medievais a obras como *O fogo*, de Barbusse, e *Nada de novo no front*, de Erich Maria Remarque, presentes de meu tio, embora ele raramente me indicasse leituras, pois confiava no “ensino público obrigatório” e, acima de tudo, parece-me, numa coisa que nunca deixou de suscitar debates, antes, durante e depois, mas que Ambroise Fleury parecia ter como certa, a saber, a hereditariedade dos caracteres adquiridos, sobretudo, acrescentava ele, “em nossa gente”.

Fazia vários anos que ele deixara o emprego de carteiro rural, mas Marcellin Duprat o aconselhava vivamente a vestir o velho uniforme para receber os visitantes. O dono do Clos Joli tinha o que hoje chamaríamos de agudo senso de “relações-públicas”.

— Entenda, Ambroise: você virou uma lenda e precisa conservá-la intacta. Sei que não está nem aí, mas você deve isso a nossa região. Os clientes sempre me perguntam: “E o famoso carteiro Fleury, continua aqui, com suas pipas? Podemos vê-lo?”. Você vende suas geringonças e vive delas, no fim das contas. Então, precisa ter uma marca registrada. Um dia, as pessoas vão dizer “carteiro Fleury” como dizem “*douanier* Rousseau”. No trato com os clientes, sempre uso o chapéu e a jaqueta de cozinheiro; é assim que querem me ver.

Embora Marcellin fosse um velho amigo, o pequeno ardil que ele sugeria não agradava a meu tio. Eles tiveram algumas

discussões acaloradas. O dono do Clos Joli se considerava uma espécie de glória nacional, e os únicos que reconhecia como seus iguais eram Point, em Vienne, Pic, em Valence, e Dumaine, em Saulieu. Ele tinha um porte distinto, cabelos que começavam a ralar, olhos claros e azuis como aço; um pequeno bigode lhe dava um ar autoritário. Havia algo de militar em sua postura, que talvez viesse dos anos passados nas trincheiras, entre 1914 e 1918. Nos anos 1930, a França ainda não pensava em refugiar-se em sua grandeza culinária, e Marcellin Duprat julgava-se incompreendido.

— O único que me entende é Édouard Herriot. Outro dia, ao sair do restaurante, ele me disse: “Toda vez que venho aqui, me sinto apaziguado. Não sei o que o futuro nos reserva, mas tenho certeza de que o Clos Joli sobreviverá a tudo. Mas precisará esperar um pouco por sua Legião de Honra, Marcellin. A França ainda goza de riquezas culturais em abundância, o que faz com que alguns de nossos valores mais modestos sejam negligenciados”. Foi o que Herriot me disse. Então, Ambroise, faça-me o favor. Em toda a região, somos os únicos conhecidos. Pode acreditar que, vestindo o uniforme de carteiro para a clientela de tempos em tempos, causará uma impressão muito melhor do que com esse veludo cotelê de plebeu.

Meu tio acabava rindo. Eu sempre ficava feliz quando via surgirem em seu rosto as boas e pequenas rugas que se alimentam da alegria.

— Esse Marcellin! A grandeza é um fardo difícil de carregar nos próprios ombros. Mas o que posso dizer? Ele não está completamente errado. Tornar a pacífica arte da pipa mais popular bem vale um pequeno sacrifício de amor-próprio.

Na verdade, não creio que fosse com desprazer que meu tio vestisse o velho uniforme de carteiro rural para ir aos campos, cercado de crianças — das quais duas ou três vinham regularmente a La Motte depois da escola para as sessões de “treinamento”.

Como mencionei, Ambroise Fleury foi eleito presidente honorário da Pipas da França, associação da qual pediu seu

desligamento, sabe-se lá por quê, depois de Munique. Nunca entendi direito como um pacifista convicto pôde se sentir tão indignado e tão abatido quando a paz, ainda que chamada por alguns de “paz da vergonha”, foi mantida em Munique. Era a maldita memória histórica dos Fleury, sem dúvida, que lhe pregava uma peça.

Minha memória também não me dava folga. Todos os verões, eu voltava ao bosque da lembrança. Informara-me junto aos moradores da região e sabia que não fora vítima de uma “aparição”, como chegara a acreditar. Elisabeth de Bronicka existia em carne e osso; seus pais eram donos do Solar dos Jars, na estrada de Clos a Cléry, por cujos muros eu passava todos os dias a caminho da escola. Fazia alguns verões que eles não voltavam à Normandia; meu tio descobriu que suas correspondências eram encaminhadas para a Polônia, onde tinham uma propriedade às margens do Báltico, não muito longe da cidade livre de Gdańsk, mais conhecida à época pelo nome de Danzig. Ninguém sabia se eles um dia voltariam.

— Não é nem a primeira, nem a última pipa que você perde na vida, Ludo — dizia meu tio, quando me via voltando do bosque com minha cesta de morangos dolorosamente cheia.

Eu já não esperava mais nada, e embora aquele jogo se tornasse um pouco infantil para um garoto de catorze anos, tinha diante de mim o exemplo de um homem maduro que soubera conservar dentro de si esse quê de ingenuidade que só se transforma em sabedoria quando envelhece mal.

Fazia quase quatro anos que eu não via aquela que eu agora chamava de “minha pequena polonesa”, mas minha memória não sofrera perda alguma. Seu rosto de traços delicados dava vontade de guardá-lo nas mãos em concha, e a vivacidade harmoniosa de cada um de seus movimentos me permitira tirar uma nota muito boa no *bac* de filosofia. Eu escolhera estética na prova oral, e o examinador, cansado depois de um dia inteiro de trabalho, decretara:

— Farei uma única pergunta e peço que me responda com uma única palavra. O que caracteriza a graça?

Pensei na pequena polonesa, em seu pescoço, em seus braços, no voo de sua cabeleira, e respondi sem hesitar:

— Movimento.

Tirei dezenove de vinte. Devo meu *bac* ao amor.

Com exceção de Jeannot Cailleux, que às vezes vinha se sentar a um canto e me encarava com tristeza — um dia, ele me disse, com inveja: “Você ao menos tem alguém” —, eu não me relacionava com ninguém. Tornara-me quase tão indiferente a tudo que me cercava quanto os Magnard. Às vezes cruzava com eles na estrada, balançando numa carroça, pai, filho e filhas, com seus caixotes, a caminho do mercado. Eu sempre lhes dava bom-dia e eles nunca respondiam.

No início de julho de 1936, sentado na grama ao lado de minha cesta de morangos, eu lia os poemas de José María de Heredia, que me parece, até hoje, injustamente esquecido. À minha frente havia um túnel luminoso entre as faias, pelo qual o sol rolava até o chão como um gato voluptuoso. De um pântano vizinho elevavam-se alguns chapins em fuga.

Ergui os olhos. Ela estava ali, diante de mim, uma jovem tratada pelos quatro anos transcorridos com uma piedade que era como um tributo a minha memória. Congelei, depois de um baque no coração que me deixou com um nó na garganta. E então a emoção passou e eu larguei o livro com tranquilidade. Ela se atrasara um pouco para voltar, só isso.

— Fiquei sabendo que está me esperando há quatro anos...

Ela riu.

— E não se esqueceu nem do açúcar!

— Nunca me esqueço de nada.

— Eu me esqueço de tudo com muita facilidade. Não me lembro nem do seu nome.

Deixei-a fazer seu jogo. Se sabia que eu a procurara por toda parte, devia saber quem eu era.

— Espere um pouco, deixe-me pensar... Ah, sim, Ludovic. Ludo. O filho do famoso carteiro Ambroise Fleury.

— Sobrinho.

Passei-lhe a cesta de morangos. Ela experimentou um,

sentou-se a meu lado e pegou meu livro.

— Meu Deus, José María de Heredia! Mas que coisa mais antiquada! Deveria ler Rimbaud e Apollinaire.

Só havia uma coisa a fazer. Recitei:

*De celle qu'il nommait sa douceur angevine
Sur la corde vibrante erre l'âme divine
Quand l'angoisse d'amour étreint son cœur troublé*

*Et sa voix livre aux vents qui l'emportent loin d'elle
Et le caresseront, peut-être, l'infidèle
Cette chanson qu'il fit pour un vanneur de blé.^[1]*

Ela pareceu lisonjeada e satisfeita.

— Nossos jardineiros me disseram que você os enchia de perguntas para saber se eu voltaria. Loucamente apaixonado, enfim.

Entendi que, se não me defendesse, estaria perdido.

— Sabe, às vezes a melhor maneira de esquecer uma pessoa é voltar a vê-la.

— Ui! Não se ofenda. Estou brincando. E é verdade o que dizem por aí, que vocês são todos assim?

— Assim como?

— Que não esquecem?

— Meu tio Ambroise diz que os Fleury têm uma memória tão boa que alguns morreram por causa dela.

— Como a memória pode matar alguém? Que bobagem.

— Ele também acha, e é por isso que se tornou carteiro rural e tem horror à guerra. Ele só se interessa por suas pipas. Elas são muito bonitas de ver, quando estão no céu, mas ao menos podem ser presas a uma linha, e mesmo quando escapam e caem, no fim das contas não passam de papel e pedaços de madeira.

— Eu queria que você me explicasse como a memória pode matar alguém.

— É complicado.

— Não sou completamente estúpida. Talvez consiga entender.

— Eu quis dizer que é complicado de explicar. Parece que todos os Fleury foram vítimas do ensino público obrigatório.

— Do quê?!

— Do ensino público obrigatório. Aprenderam coisas bonitas demais que memorizaram bem demais, nas quais acreditaram totalmente, que foram transmitidas de pai para filho pela hereditariedade dos caracteres adquiridos e...

Eu sentia que não estava conseguindo me explicar e quis acrescentar que havia em tudo isso um grão de loucura, também chamado de centelha sagrada, mas, com aquele olhar azul e severo sobre mim, eu me afundava cada vez mais e me limitava a repetir obstinadamente:

— Aprenderam coisas bonitas demais, nas quais acreditaram; chegaram a ser mortos por causa delas. Por isso meu tio se tornou pacifista e objetor de consciência.

Ela balançou a cabeça e fez “*pfff*”.

— Não entendi nada dessa sua história. O que seu tio diz não faz sentido.

Tive então uma ideia que me pareceu bastante engenhosa.

— Venha nos visitar em La Motte e ele explicará tudo pessoalmente.

— Não tenho a menor intenção de perder meu tempo com histórias da carochinha. Sou leitora de Rilke e Thomas Mann, não de José María de Heredia. Além disso, você mora com ele e parece não ter conseguido entender nada.

— É preciso ser francês para entender.

Ela se zangou.

— Que bobagem. Por acaso os franceses têm uma memória melhor que os poloneses?

Comecei a entrar em pânico. Aquele não era nem um pouco o tipo de conversa que eu esperava ter com ela, depois de uma trágica separação de quatro anos. Por outro lado, eu não podia de jeito nenhum perder o controle da situação, embora não tivesse lido nem Rilke, nem Thomas Mann.

— Estou falando da memória histórica — eu disse. — Há muitas coisas das quais os franceses se lembram e não conseguem se esquecer, e isso dura a vida toda, a não ser para aqueles que têm lapsos de memória. Já expliquei que é por causa do ensino público obrigatório. Não vejo o que pode ser tão difícil de entender.

Ela se levantou e me lançou um olhar de pena.

— Isso porque você acha que só vocês, os franceses, têm essa “memória histórica”? Que nós, os poloneses, não temos uma? Nunca ouvi tamanha asneira. Só nos últimos cinco séculos, os Bronicki sofreram cento e sessenta mortes, a maioria em condições heroicas, e temos documentos para prová-las. Adeus. Nunca mais você me verá. Ou melhor, você me verá sim. Tenho pena de você. Faz quatro anos que vem aqui para me esperar e, em vez de simplesmente confessar que está loucamente apaixonado por mim, como todos os outros, difama meu país. A propósito, o que sabe da Polônia? Vamos, diga, estou ouvindo.

Ela cruzou os braços sobre o peito e ficou esperando.

Havia tanta diferença entre o que eu vivia e o que eu havia esperado e imaginado ao sonhar com ela que lágrimas me vieram aos olhos. Era tudo culpa de meu velho e louco tio, que me enfiara na cabeça um monte de coisas que deveria ter se contentado em colocar em suas queridinhas de papel. Fiz tanta força para não chorar que ela acabou ficando preocupada.

— O que foi? Ficou verde.

— Amo você — murmurei.

— Não é motivo para ficar verde, ao menos ainda não. Precisa me conhecer melhor. Tchau. Até logo. Nunca mais tente dar lições de memória histórica a um polonês. Promete?

— Juro que não estava tentando... Tenho a Polônia em grande conta. É um país conhecido por...

— Pelo quê?

Fiquei calado. Percebi com horror que a única coisa que me vinha à mente a respeito da Polônia era a expressão “bêbado como um polonês”.

Ela riu.

— Bom, tudo bem. Para quatro anos, não está tão ruim. Pode melhorar, obviamente, mas leva tempo.

E tendo enunciado o óbvio com ar grave, ela me deixou para trás, um vulto branco e vivaz se afastando pelas faias, entre luzes e sombras.

Arrastei-me até La Motte e fui para a cama, nariz virado para a parede. Sentia como se tivesse arruinado minha vida. Não conseguia entender como nem por que, em vez de declarar meu amor, deixara-me levar àquela discussão insana sobre a França, a Polônia e suas respectivas memórias históricas, que não me interessavam nem um pouco. Era tudo culpa de meu tio, com todos os seus Jaurès com asas de arco-íris ou seu jovem Arcole, do qual só restava, ele me explicava, bem ou mal, o nome de uma ponte.

Ao anoitecer, ele subiu para me ver.

— O que você tem?

— Ela voltou.

Ele sorriu afetuosamente.

— E aposto que mudou bastante — ele me disse. — É sempre mais seguro quando nós mesmos as construímos, com belas cores, linha e papel.

No dia seguinte, por volta das quatro horas da tarde, quando eu começava a pensar que tudo estava perdido, que precisaria realizar esse esforço que é às vezes o mais sobre-humano do mundo e que consiste em esquecer, um imenso carro azul conversível parou na frente de casa. O motorista, de uniforme cinza, anunciou-nos que eu fora convidado para um lanche no “solar”. Corri a engraxar os sapatos, vesti meu único paletó, que estava pequeno, e me sentei ao lado do motorista, que descobri ser inglês. Ele me informou que Stanislas de Bronicki, o pai de “mademoiselle”, era um financista de gênio; sua mulher fora uma das maiores atrizes de Varsóvia, que se consolava de ter abandonado o teatro fazendo grandes cenas.

— Eles têm propriedades imensas na Polônia e um castelo onde o senhor conde recebe chefes de Estado e celebridades do mundo inteiro. Ah, é um figurão, pode acreditar, *my boy*. Se ele gostar de você, sua vida não acabará nos Correios.

O Solar dos Jars era uma grande casa de madeira, de três andares, com varandas de balaustradas esculpidas, torreões e balcões com treliças; não se parecia com nada da região. Era a cópia exata da casa que a família Ostrorog, primos dos Bronicki, tinha no Bósforo, em Istambul. Construída nos fundos de um grande jardim, cujas alamedas avistávamos através da grade, figurava em lugar de destaque entre os cartões-postais vendidos no café e tabacaria Le Petit Gris, na Rue du Mail, em Cléry. Tinha sido construída em 1902 pelo pai de Stanislas de Bronicki, no estilo turco muito em voga à época, em homenagem a seu amigo Pierre Loti, que se hospedara ali muitas vezes. A passagem do tempo e a umidade haviam conferido à madeira uma pátina enegrecida que Bronicki não permitia ser retirada, por questões de autenticidade. Meu tio conhecia bem o solar e

me falara dele muitas vezes. Quando ainda era carteiro, visitava-o quase todos os dias, pois os Bronicki recebiam mais correspondência que todos os habitantes de Clos e de Cléry juntos.

— Os ricos não sabem mais o que inventar — ele resmungava. — Construíram uma casa turca na Normandia e aposto que construíram um solar normando na Turquia.

Estávamos no fim de junho, e o jardim estava glorioso. Eu conhecia a natureza sobretudo em sua simplicidade original; nunca a tinha visto tão bem cuidada. As flores estavam tão bem alimentadas que pareciam recém-saídas do Clos Joli de Marcellin Duprat.

— Eles têm cinco jardineiros trabalhando em tempo integral — disse o motorista.

Ele me deixou sozinho na frente da varanda.

Tirei a boina, molhei os cabelos com um pouco de saliva e subi os degraus. Assim que apertei a campainha e a porta foi aberta por uma criada sobressaltada, entendi que chegava em péssima hora. Uma senhora loira, vestida com o que me pareceu uma confusão de panos azuis e rosa, estava semideitada numa poltrona, soluçando; o dr. Gardieu, apreensivo, media seu pulso com o grande relógio de bolso na mão. Um homem de estatura um tanto baixa, mas de constituição vigorosa, vestido com um roupão que brilhava como uma armadura de prata, percorria o salão de uma ponta a outra, seguido passo a passo em suas idas e vindas por um mordomo com uma bandeja cheia de bebidas. Stas de Bronicki tinha abundantes cachos loiro-bebê e suíças que chegavam ao meio da bochecha, um rosto ao qual se poderia dizer que faltava nobreza, se esta pudesse ser percebida a olho nu, sem recurso a documentos comprobatórios. Era um rosto redondo, de bochechas pesadas e levemente rosadas; era fácil imaginá-lo debruçado no balcão de um açougue; um bigode fino que mais parecia uma penugem ornava os lábios de uma boca apertada e pequena, como se fizesse beicinho, conferindo-lhe um ar contrariado, particularmente manifesto no momento de minha chegada. Ele tinha olhos grandes e de um azul desbotado,

levemente saltados, com uma fixidez e um brilho que lembravam as garrafas na bandeja do mordomo e deviam ter alguma relação com seu conteúdo. Lila estava tranquilamente sentada a um canto, esperando que um poodle miniatura se erguesse sobre as patas traseiras para ganhar um torrão de açúcar. Um sujeito com cara de ave de rapina, vestido todo de preto, estava sentado a uma escrivaninha, debruçado sobre uma pilha de papéis que ele parecia inspecionar com o nariz, tanto este era comprido e inquisidor.

Aguardei timidamente, boina na mão, que alguém se interessasse por mim. Lila, que me lançara um olhar distraído, finalmente recompensou o poodle, veio até mim e me pegou pela mão. Nesse momento, a bela senhora foi sacudida por soluços ainda mais dilacerantes, recebidos pelos presentes com total indiferença. Lila me disse:

— Não é nada. É o algodão, de novo.

Como meu olhar devia estar cheio de incompreensão, ela acrescentou, explicando-se:

— Papai mais uma vez foi se meter com algodão. Ele não consegue evitar.

E acrescentou, com um leve dar de ombros:

— Estávamos muito melhor com o café.

Eu ainda não sabia que Stanislas de Bronicki ganhava e perdia fortunas na Bolsa com tanta rapidez que ninguém sabia dizer com certeza se estava arruinado ou rico.

Stanislas de Bronicki — Stas para os amigos de jogo, de pistas de corrida e para as moças do Le Chabanais e do Le Sphinx — estava com quarenta e cinco anos. Eu sempre ficava surpreso e um pouco desconfortável com o contraste entre seu rosto maciço e pesado e seus traços pequeninos, que, como dizia a condessa de Noailles, “precisavam ser procurados”. Havia algo de incongruente em seus cabelos loiro-bebê cacheados, em sua tez rosada e em seus olhos azul-claros — toda a família Bronicki, com exceção do filho Tadée, parecia feita de azul, amarelo e rosa. Especulador e jogador, ele apostava seu dinheiro com tanta desenvoltura quanto seus ancestrais lançavam seus soldados nos

campos de batalha. A única coisa que ele não havia perdido no jogo eram seus títulos de nobreza: pertencia a uma das quatro ou cinco grandes linhagens aristocráticas da Polônia, ao lado dos Sapiecha, dos Radziwill e dos Czartoryski, que por muito tempo dividiram a Polônia entre si, até que o país passou para outras mãos e sofreu outras partilhas. Observei que seus olhos giravam nas órbitas com insistência, como se o movimento de todas as bolas que ele seguira na roleta tivesse se transferido para eles.

Lila me levou até seu pai, mas ele, com a mão na testa e o olhar no teto, de onde aparentemente vinha sua ruína, não me deu a mínima atenção. Então, fui puxado até a sra. De Bronicka. Ela havia parado de chorar e me lançou um olhar no qual vi mais cílios do que jamais contemplara em um olho humano, afastou o lenço dos lábios e me perguntou com uma vozinha ainda sofrida:

— De onde saiu esse daí?

— Encontrei-o na floresta — disse Lila.

— Na floresta? Meu Deus, que horror! Espero que não esteja com raiva. Todos os animais andam pegando raiva ultimamente. Li no jornal. Quem for mordido precisa passar por um tratamento muito doloroso... Tome cuidado...

Ela se inclinou, pegou o poodle e o abraçou, olhando para mim com desconfiança.

— Por favor, mamãe, acalme-se — disse Lila.

Foi assim que conheci a família Bronicki em seu elemento natural, ou seja, em pleno drama. Genia de Bronicka — aprendi mais tarde que o “de” desaparecia quando a família voltava para a Polônia, onde a partícula não tinha uso, e ressurgia na França, onde eles eram menos conhecidos — tinha uma beleza que, como se dizia antigamente, devastava corações, expressão hoje fora de moda, sem dúvida devido ao aumento de devastações que o mundo vem conhecendo. Muito magra, mas de uma magreza que fazia um desvio respeitoso pelos quadris e pelo peito, era uma dessas mulheres que não sabem o que fazer com tanta beleza.

Fui definitivamente dispensado com um movimento do lenço. Lila, ainda segurando minha mão, me fez atravessar um

corredor e subir as escadas. Havia três andares entre o grande hall de entrada, onde o drama do algodão se desenrolava, e o sótão, mas creio que ao longo dessa breve ascensão aprendi mais detalhes a respeito de certas coisas estranhas que acontecem entre mulheres e homens do que jamais ouvira falar em toda a minha vida. Tínhamos acabado de subir alguns andares quando Lila me informou que o primeiro marido de Genia se suicidara na noite de núpcias, antes de entrar no quarto do casal.

— Ansiedade de desempenho — explicou Lila, sempre me segurando firmemente pela mão, talvez temendo que eu saísse correndo.

O segundo marido, em contrapartida, morrera de um excesso de confiança em si mesmo.

— De exaustão — informou Lila, olhando-me direto nos olhos, como para me deixar em alerta, e eu me perguntei o que ela queria dizer com aquilo.

— Minha mãe foi a maior atriz da Polônia. Tinha um criado só para receber as flores que nunca paravam de chegar. Foi mantida pelo rei Afonso >XIII, pelo rei Carlos da Romênia. Mas a vida toda amou um único homem, não posso dizer seu nome, é segredo...

— Rudolph Valentino — disse uma voz.

Tínhamos acabado de entrar no sótão e, virando-me na direção desse comentário em tom sarcástico, vi um garoto sentado no chão, embaixo de uma janela em mansarda, com as pernas cruzadas e um atlas aberto sobre os joelhos, ao lado de um globo terrestre. Ele tinha um perfil de águia, com um nariz que presidia o restante do rosto como se fosse o senhor da face e de suas feições; tinha cabelos pretos e olhos castanhos, e embora fosse apenas um ou dois anos mais velho que eu, a finura de seus lábios parecia já ter sido moldada pela ironia; não dava para saber se sorria ou se nascera assim.

— Preste muita atenção nas palavras de minha irmãzinha, pois elas nunca carregam um pingão de verdade e têm muita imaginação. Lila sente tanta necessidade de mentir que não podemos culpá-la. É uma vocação. Eu, de minha parte, tenho o

espírito científico e racionalista, algo totalmente ímpar nessa família. Me chamo Tad.

Ele se levantou e trocamos um aperto de mão. Nos fundos do sótão havia uma cortina vermelha e, atrás dela, alguém tocava piano.

Lila não pareceu nem um pouco incomodada com as palavras do irmão e me observou com uma expressão um tanto zombeteira.

— Acredita em mim ou não? — perguntou-me.

Não hesitei.

— Acredito.

Ela lançou ao irmão um olhar triunfante e foi se sentar numa grande poltrona surrada.

— Ah, bom, vejo que já é amor — constatou Tad. — Nesse caso, a razão não tem mais nada a dizer. Vivo com uma mãe completamente louca, um pai capaz de perder a Polônia no jogo, se surgisse a ocasião, e uma irmã que considera a verdade uma inimiga pessoal. Vocês se conhecem há muito tempo?

Eu ia responder, mas ele levantou a mão.

— Espere, espere... Desde ontem?

Fiz que “sim” com a cabeça.

Confessar-lhe que vira Lila uma única vez, quatro anos antes, e que nunca mais deixara de pensar nela, só me exporia a alguma ironia mordaz.

— Foi o que pensei — disse Tad. — Ontem ela perdeu o poodle, Mirliton, e tratou de substituí-lo.

— Mirliton voltou hoje de manhã — anunciou Lila.

O irmão e a irmã estavam visivelmente acostumados àquela pequena esgrima verbal.

— Bom, espero que não o dispense, então. E se o transformar num burrico, venha me procurar. Sou muito bom no dois e dois são quatro. Mas, se quiser um conselho, salve-se enquanto puder!

Ele voltou para o seu canto, sentou-se no chão e mergulhou na leitura do atlas. Lila, a cabeça apoiada no espaldar da poltrona, olhava para cima com indiferença. Hesitei um pouco e caminhei

*image
not
available*

*image
not
available*

*image
not
available*

Voltei para casa decidido a me tornar “alguém” no menor prazo possível, de preferência antes da partida de meus novos amigos, o que resultou numa febre alta: precisei ficar de cama por vários dias. Durante meu delírio, descobri em mim o poder de conquistar galáxias e colhi dos lábios de Lila um beijo de agradecimento. Lembro-me de voltar de um planeta particularmente hostil, depois de uma expedição em que fiz cem mil prisioneiros núbios — eu ignorava o sentido da palavra núbio, mas ela me parecia convir admiravelmente bem àqueles predadores interestelares —, e para oferecer meu novo reino em homenagem a Lila, vesti um traje com tantas pedrarias que houve um verdadeiro pânico entre as estrelas mais brilhantes, diante do fulgor que vinha de uma terra que até então ocupara um lugar muito modesto entre os anos-luz.

Minha doença chegou ao fim da maneira mais doce. Meu quarto estava muito escuro; as venezianas estavam fechadas e as cortinas puxadas, pois temíamos que o sarampo se manifestasse abruptamente depois daqueles dias de hesitação e, na época, uma das indicações do tratamento era manter o doente na escuridão, para proteger seus olhos. O dr. Gardieu estava bastante preocupado porque eu já estava com catorze anos e o sarampo chegava com atraso. Devia ser meio-dia, a julgar pela luz que entrou no quarto quando a porta se abriu e Lila apareceu, seguida pelo motorista, o sr. Jones, que carregava uma enorme cesta de frutas; atrás dela vinha meu tio, que advertia mademoiselle do risco fatal de contágio. Lila parou à porta por um momento e, apesar de minha extrema agitação, não deixei de perceber a premeditação de sua pose sobre aquele fundo claro, em que mexia a cabeleira com uma das mãos. Embora eu estivesse no centro daquela visita, tratava-se acima de tudo de

*image
not
available*

estreiteza de seus ombros e a fraqueza de suas mãos. Por fim, exausto, permaneceu imóvel, recuperando as forças, e então voltou a espreitar, enquanto eu me limitava a mantê-lo no chão, sem soltar minha pipa.

— O que quer? O que deu em você?

Ele tentou me dar uma cabeçada na barriga, mas só conseguiu machucar a nuca numa pedra.

— De onde você saiu?

Ele não respondia. Comecei a ficar impressionado com aqueles olhos azuis que me fixavam com uma espécie de fúria límpida.

— O que foi que eu fiz a você?

Silêncio. Seu nariz sangrava. Eu não sabia o que fazer com a minha vitória e, como sempre acontecia quando me sentia em vantagem, tive vontade de poupá-lo e até de ajudá-lo. Levantei-me num pulo e recuei.

Ele ficou no chão por mais um instante e se pôs de pé.

— Amanhã, na mesma hora.

Dizendo isso, deu-me as costas e se afastou.

— Ei, você! — gritei. — O que foi que eu fiz?

Ele parou. Sua camisa branca e suas belas calças de golfe estavam manchadas de terra.

— Amanhã, na mesma hora — ele repetiu e, pela primeira vez, notei seu sotaque estranho, gutural. — Se não vier, é um covarde.

— Estou perguntando: o que foi que eu fiz?

Ele não disse nada e se foi, uma mão no bolso, o outro braço dobrado, o cotovelo contra o corpo, numa atitude que me pareceu de extrema elegância. Segui-o com os olhos até que tivesse desaparecido entre as samambaias, puxei Bastoche de volta à terra e passei o resto do dia quebrando a cabeça para tentar entender os motivos daquela agressão da parte de um garoto que eu nunca vira. Meu tio, a quem contei a aventura, expressou a opinião de que meu agressor quisera se apoderar de nossa pipa, não tendo podido resistir à visão daquela obra-prima.

— Não, acho que era alguma coisa comigo.

*image
not
available*

nada se tornaria mais salutar em minha vida. Sem dúvida, eu estava longe de uma tomada de consciência social, mesmo que incipiente, mas entreguei-me a uma atividade que, guardadas as devidas proporções, não deixava de ter um quê subversivo, se não revolucionário. Um homem corpulento, de rosto glabro e extremamente bem servido em gordura, com um nariz de boneca acima dos lábios carnudos, chamado Oustric, quando soube por Lila que eu era sobrinho do “famoso Ambroise Fleury”, disse-me com um aperto de mão:

— Parabéns. A França precisa de muitos homens como seu tio.

Vislumbrei no rosto de Lila o lampejo de malícia com que eu começava a me familiarizar.

— O senhor sabia — ela disse — que ele é cogitado para o cargo de ministro dos Correios do próximo governo?

— Um grande homem! Um grande homem! — apressou-se em dizer o sr. Oustric, inclinando levemente o tronco na direção de um petit-four já ao alcance de seus lábios.

Senti a súbita vontade de salvar o petit-four do destino que o aguardava. Era como se, diante de toda aquela gente abastada que me dava a sensação de ser reduzido a pó, a única maneira possível de afirmar minha existência aos olhos de Lila fosse entregar-me a alguma ação escandalosa.

Retirei delicadamente o petit-four da mão rechonchuda do sr. Oustric e o levei à boca. Foi muito difícil, meu coração batia bem rápido; eu ainda não era capaz de me igualar a meu ancestral Fleury morto nas barricadas de 1870 nem de comandar minhas próprias tropas num ataque a Berlim, para prender Hitler e impressionar Lila, mas ao menos podia mostrar-lhe que tinha tutano.

Quando o sr. Oustric viu o doce desaparecer em minha boca, a expressão de estupor que surgiu em seu rosto foi tão grande que me fez perceber subitamente toda a ousadia de meu ato. Mais morto que vivo, pois ainda não tinha a força de caráter dos verdadeiros revolucionários, virei-me para Lila. Colhi certo ar de ternura brincalhona. Ela me pegou pela mão, levou-me para trás

*image
not
available*

traseiro e que as abelhas são tolas porque perdem tempo fazendo mel para os outros. Cuidado. Tudo começa com uma maneira de olhar, depois se torna uma maneira de viver. De tanto distorcer tudo, a visão se distorce.

Tad se voltou para mim.

— Acabou de ouvir, meu jovem senhor, a voz de uma pera suculenta com vocação para ser comida. É o que chamamos de um idealista.

— Quero saber por que chamou nosso amigo de “senhor” — perguntou Lila.

— Porque ele ainda não é meu amigo, se é que um dia o será. Aos dezessete anos, não me lanço mais às cegas em amizades, nem em qualquer outra coisa, aliás. Posso ser polonês, mas “às cegas” não é meu forte. Era bom para nossos ancestrais cavaleiros, que levavam dentro de si essa útil estupidez do cacete.

— Peço que não utilize essa linguagem na presença de uma senhorita — rebateu-lhe Hans.

— Pronto, o junker prussiano acordou — suspirou Tad. — A propósito, onde arranjou esse rosto? Num duelo?

— Eles brigaram por meus belos olhos — declarou Lila. — Os dois estão loucamente apaixonados por mim e, em vez de entender que isso deveria uni-los, eles se enfrentam. Mas vai passar quando entenderem que amo os dois e que, portanto, não farei com que um tenha ciúme do outro.

Eu ainda não dissera nada. Sentia, no entanto, que chegara o momento de me manifestar, de um jeito ou de outro, pois eu não podia esquecer que era o sobrinho de Ambroise Fleury e que, portanto, tinha a quem puxar. Eu não sabia nada da arte de brilhar em sociedade, embora desejasse ardentemente demonstrar a Lila alguma superioridade estrondosa que os deixasse confusos. Se houvesse justiça, eu teria recebido naquele momento o poder de voar, de me ver face a face com um leão, ao qual eu garantiria um destino nefasto, ou de vencer o título de campeão em todas as categorias no ringue, ao lado do qual Lila estaria sentada. Mas a única coisa que consegui fazer foi

*image
not
available*

desafiadoramente, comecei a desejar uma guerra imediata entre a França e a Alemanha, para que o destino nos separasse. Eu detestava a elegância afetada, a rigidez, a mão no bolso e o cotovelo colado ao corpo daquele pretensioso, que talvez fosse um descendente dos conquistadores teutônicos e dos barões bálticos, mas que eu conseguira sorrir com uma só mão.

— Belo número — ele me disse. — O senhor tem um grande futuro pela frente.

— Não o chame de “senhor” — protestou Lila. — Vamos ser todos amigos...

— Tem uma bela carreira pela frente, sr. Fleury — insistiu Hans —, pois o futuro sem dúvida está nos números. Com o fim da cavalaria, o mundo aprendeu a contar e só piora. Vamos assistir ao desaparecimento de tudo o que não pode ser numerado, como a honra, por exemplo.

Tad o observava com ar risonho. O irmão de Lila tinha uma vocação quase física para a displicência: era como se procurasse atenuar o que havia de excessivo e apaixonado em sua natureza com uma atitude desapegada e um pouco cansada. Eu sentia que ele tinha uma réplica feroz na ponta da língua, mas, como eu mesmo constataria ao longo de nossos dois “embates”, Hans era um garoto a quem se tinha vontade de poupar. Aos catorze anos, era o mais jovem de nós e também o mais frágil. Preparava-se, no entanto, para uma carreira militar, como todos os Von Schwede. Ouvi de Lila que havia certa analogia entre seu destino e o meu, e embora à época não me ocorresse falar em “destino” a respeito dos Fleury, a palavra “sina” era a única que eu jamais ouvira quando se tratava dos meus. O pai dele fora morto durante a Primeira Guerra, e sua mãe, como a minha, morrera pouco depois de seu nascimento; ele fora criado por uma tia no castelo de Kremnitz, na Prússia Oriental, a poucos quilômetros da propriedade dos Bronicki na Polônia.

Enquanto trocávamos palavras mais ou menos amenas, Bruno se mantinha à parte, dedilhando uma melodia imaginária no tampo de uma mesa.

— Vamos passear de barco — sugeriu Lila. — Vai chover.

*image
not
available*

— Um pequeno cargo nos Correios, com aposentadoria garantida, é o que quero para ele.

— Mas, por Deus! Sr. Fleury, seu sobrinho é um gênio da memória! — bradou Stas Bronicki, batendo com o punho na mesa. — E tudo o que o senhor ambiciona para ele é um cargo de funcionário dos Correios?

— Senhor — replicou meu tio —, nos tempos que se delineiam, os funcionários dos Correios terão talvez o mais belo papel de todos. Eles poderão dizer: “Eu, ao menos, não fiz nada!”.

Ficou combinado, no entanto, que durante os meses de verão eu ficaria à disposição dos Bronicki como “preposto matemático”. Depois disso, meu tio e o sr. Jones, cada um segurando o conde por um cotovelo, pois o salsichão fizera seu trabalho — as duas garrafas de vinho não devem ser mencionadas aqui por discricção —, acompanharam-no até o carro. Colocando-se ao volante, o impassível sr. Jones, que eu até então considerava uma encarnação das virtudes britânicas da fleuma e da discricção, virou-se para meu tutor e, com um sotaque inglês muito forte, mas num francês que sugeria, de maneira incontestável, hábitos muito diferentes dos de motorista, declarou:

— Pobre sujeito. Nunca vi mais otário. Nasceu para ser depenado.

Dizendo isso, vestiu as luvas, retomou o ar imperturbável e arrancou o Packard, deixando-nos desnorteados com aquela súbita revelação de suas capacidades linguísticas.

— Muito bem — disse meu tio —, seu caminho começou. Encontrou um poderoso protetor. Só peço uma coisa...

Ele me encarou com seriedade. Conhecendo-o bem, já comecei a rir.

— Nunca lhe empreste dinheiro algum.

*image
not
available*

Ela se deixou cair de costas. Deitei-me a seu lado. Peguei sua mão. Ela a retirou.

— Pronto — ela disse. — Virei uma puta.

— Deus do céu! O que está dizendo?

— Uma puta. Virei uma puta.

Percebi que dizia isso com muita satisfação na voz.

— Finalmente consegui me tornar alguma coisa!

— Lila, ouça...

— Não tenho talento nenhum para o canto!

— Claro que tem, só que...

— Sim, só que. Fique quieto. Sou uma puta. Muito bem, melhor me tornar a maior, a mais famosa puta do mundo. A dama das camélias, mas sem a tuberculose. Não tenho mais nada a perder. Minha vida foi traçada agora. Não tenho escolha.

Por mais que eu conhecesse os altos e baixos de sua imaginação, fiquei apavorado. Era quase uma superstição: eu sentia que a vida nos ouvia e tomava notas. Levantei-me.

— Proíbo-a de dizer essas asneiras — gritei. — A vida tem ouvidos. E, além disso, a única coisa que fiz foi te lam...

Ela disse “ah!” e colocou a mão sobre meus lábios.

— Ludo! Proíbo-o de dizer uma coisa dessas. É monstruoso! Mons-tru-o-so! Saia daqui! Nunca mais quero te ver. Nunca mais. Não, fique. É tarde demais, de todo modo.

Um dia, deparei-me com Tad ao voltar de nosso encontro diário na cabana. Ele me esperava no hall.

— Me diga uma coisa, Ludo.

— Sim?

— Há quanto tempo vem dormindo com minha irmã?

Fiquei quieto. Na parede, o coronel de cavalaria Jan Bronicki, herói de Santo Domingo e de Somosierra, erguia o sabre acima de minha cabeça.

— Não faça essa cara, meu velho. Se pensa que vim defender a honra dos Bronicki, é um frouxo. Quero apenas evitar uma catástrofe. Aposto que nenhum de vocês sabe do ciclo.

— Que ciclo?

— Viu? Foi o que pensei. Há um período, cerca de sete dias

*image
not
available*

— O que aconteceu? Mamãe parece tão calma que temo o pior.

— Papai arruinou-se de novo — disse Lila.

— Quer dizer que de novo arruinou alguém.

— Perdeu um milhão em Deauville, noite passada.

— Deve ter raspado o fundo das gavetas — resmungou Tad.

A criada acabara de trazer croissants quentes quando Stas Bronicki fez sua entrada. Parecia desnorteado. Atrás dele, o sr. Jones, impecável, carregava seu casaco, e o faz-tudo Podlowski, lívido, parecia ter duas vezes mais mandíbula e queixo que de costume.

Bronicki nos contemplou em silêncio.

— Alguém aqui pode me emprestar cem mil francos?

Seu olhar se deteve sobre mim. Tad e Lila caíram na gargalhada. Até o gentil Bruno teve dificuldade de conter o riso.

— Sente-se, meu amigo, e tome uma xícara de chá — disse Genia.

— Bom, digamos dez mil?

— Stas, por favor — pediu a condessa.

— Cinco mil! — gritou Bronicki.

— Marie, esquente mais croissants e um pouco de chá — disse Genia.

— Mil francos, em nome de Deus! — bradou Bronicki, desesperado.

Archie Jones enfiou a mão no casaco e deu um passo à frente, segurando com cuidado o sobretudo xadrez do conde.

— Se o senhor me permite... Cem francos? *Fifty-fifty*, naturalmente.

Bronicki hesitou um momento, pegou a nota da mão do motorista e correu para fora. Podlowski ergueu os braços e os ombros num gesto de impotência e o seguiu. Archie Jones nos cumprimentou educadamente e por sua vez se retirou.

— Muito bem, aí está — disse Genitchka, com um suspiro. — Os ingleses são realmente os únicos com quem se pode contar.

Eu ouviria muito essa frase, em circunstâncias bastante

*image
not
available*

em seus fogões, pois às vezes é preciso saber perder a cabeça. Mas que coisa! Já estou dizendo o contrário do que queria. Melhor sofrer de uma só vez para acabar com tudo, e mesmo que você ame essa garota pelo resto da vida, melhor que ela se vá para sempre; isso a deixará ainda mais bela.

Eu estava consertando o seu Pássaro Azul, que quebrara na véspera.

— O que está tentando dizer ao certo, tio? Está me aconselhando a “manter a razão” ou a “manter a razão de viver”?

Ele baixou o rosto.

— Muito bem, não direi mais nada. Sou o último homem que poderia lhe dar conselhos. A vida inteira amei a mesma mulher, e como não deu certo...

— Por que não deu certo? Ela não amava o senhor?

— Não deu certo porque nunca a encontrei. Eu a tinha na cabeça, a vi lá dentro todos os dias por trinta anos, mas nunca a encontrei. Nunca nos encontramos. A imaginação às vezes nos prega peças terríveis. Isso é verdade para as mulheres, para as ideias e para os países. Você ama uma ideia, ela parece a mais bela de todas, mas, quando ela se materializa, não se parece nem um pouco com o que era, ou se torna uma grande porcaria. Ou então você ama tanto seu país que no fim não o aguenta mais, porque ele nunca está bom.

Ele riu.

— Então fazemos de nossa vida, de nossas ideias e de nossos sonhos... pipas.

Faltavam poucos dias para a partida, e nossas despedidas consistiam em caminhadas pelos bosques, lagos e velhas passagens que nunca mais veríamos juntos. O fim do verão tinha cores suaves, como se estivesse cheio de ternura por nós. O próprio sol parecia triste de nos deixar.

— Eu gostaria tanto de fazer alguma coisa de minha vida — Lila dizia, como se eu não estivesse ali.

— Só porque você não me ama o bastante.

— Claro que amo, Ludo. Mas isso é que é terrível. É terrível porque não é suficiente para mim, porque ainda continuo

*image
not
available*

disse. — É possível que eu esteja enganado. Talvez esteja subestimando a onipotência do amor. Talvez existam deuses, por mim desconhecidos, que façam com que nada impeça a reunião dos amantes. Ah, porcaria! Porcaria! Como vocês puderam capitular daquele jeito?

Anunciei-lhe que meu tio, pacifista e objetor de consciência que era, acabara de renunciar, por causa de Munique, à presidência de honra da associação Pipas da França.

— O que há de surpreendente nisso? — ele rebateu. — É exatamente o que os objetores de consciência fazem. Enfim, quem sabe, talvez a coisa ainda se arraste por mais dois ou três anos. Então, até o ano que vem, Ludo.

— Até o ano que vem.

Nós nos abraçamos, e eles me acompanharam até o terraço. Ainda posso vê-los, lado a lado, mãos erguidas acenando para mim. Eu tinha certeza de que Tad se enganava e senti um pouco de pena. Ele amava de paixão a humanidade inteira, mas no fundo não tinha ninguém. Acreditava no pior porque estava sozinho. A esperança precisa de dois. Todas as leis dos grandes números têm início com essa certeza.

*image
not
available*

simplesmente me ensinara que a liberdade, a dignidade e os direitos do Homem nunca poderiam ser ameaçados enquanto nosso país permanecesse fiel a si mesmo, coisa de que eu não tinha dúvida, pois retinha tudo o que me haviam ensinado. Ecos do que acontecia com nossos vizinhos, tão perto de nós, sem dúvida, mas fora de nossas fronteiras, despertavam em mim um espanto mesclado de desdém e confirmavam a meus olhos nossa superioridade; de resto, tanto meu tio quanto Marcellin Duprat e todos os meus professores na escola concordavam em afirmar que o regime ditatorial não tinha nenhuma chance de durar, pois não tinha apoio popular. O povo, para Ambroise Fleury, era um conceito sagrado que carregava em si mesmo, potencialmente, a queda de Mussolini, de Hitler e de Franco. Ninguém via o fascismo e o nazismo como regimes populares. Essa ideia seria uma verdadeira negação de tudo o que constituía a própria base do ensino público obrigatório. O pacifismo resoluto de meu tutor fizera o resto. Eu às vezes notava nele certa confusão e atitudes contraditórias: ele admirava Léon Blum porque este se recusara a intervir na guerra espanhola, mas ficou furioso com Munique. Acabei concluindo, na ocasião, que, apesar de todos os seus esforços, ele havia sucumbido à “memória histórica” dos Fleury e que mesmo os trinta e cinco anos passados no pacífico ofício de carteiro rural não o haviam protegido de recaídas.

Eu não poderia estar mais despreparado, portanto, para a visão daquela Europa de 1939 que eu atravessava. Na fronteira italiana, fervilhante de camisas-negras, punhais e emblemas fascistas, vi meu canivete de apenas sete centímetros ser confiscado. As escadarias das estações ressoavam com os passos dos destacamentos militares; um compatriota me traduziu um editorial de Malaparte que falava da “França degenerada” e a comparava a uma jovem submissa. Pouco depois da fronteira austríaca, um homenzinho triste e calvo, que sentara em meu compartimento, foi convidado a deixar o trem, o que fez aos prantos. As suásticas estavam por toda parte: nas bandeiras, nas braçadeiras e nos muros, e em todos os cartazes eu encontrava o olhar de Hitler. Quando meu passaporte e meus vistos eram

*image
not
available*

agora, há uma coisa sobre a qual não me enganei na vida.

— Hans me disse que os chefes do Exército alemão estão apenas esperando uma ocasião para se livrar de Hitler — ela disse.

Fiquei sabendo que Hans estava no castelo, portanto. Filho da puta, pensei de repente, e nem tive vergonha desse escorregão em meus pensamentos elevados, ou melhor, desse irresistível acesso de furor popular.

— Não sei se o Exército alemão se livrará de Hitler, mas sei quem se livrará do Exército alemão — declarei.

Acho que realmente pensei: serei eu. Não sei se era a embriaguez da acolhida patriótica que acabara de receber ou a mão de Lila na minha que me fazia perder a cabeça.

— Estamos prontos — acrescentei, refugiando-me no plural por pura modéstia.

Tad se mantinha em silêncio, com um daqueles sorrisos finos que acentuavam ainda mais seu perfil de águia. Era difícil tolerar sua expressão sarcástica. Bruno tentou descontraír um pouco a situação.

— E como vão Ambroise Fleury e suas pipas? — ele perguntou. — Penso nele com frequência. Um verdadeiro homem de paz.

— Meu tio nunca se recuperou da Grande Guerra — expliquei. — É um homem de uma geração que conheceu horrores demais. Desconfia dos grandes ímpetos e acha que os homens devem manter até mesmos suas mais nobres ideias presas a um sólido barbante. Sem isso, milhões de vidas humanas se perderiam no que ele chama de “busca do céu azul”. Ele só se sente bem na companhia de suas pipas. Mas nós, os jovens franceses, não nos contentamos com sonhos de papel ou com qualquer tipo de sonho. Estamos armados e prontos para defender não nossos sonhos, mas nossas realidades, e essas realidades se chamam liberdade, dignidade e direitos do Homem...

Lila tirou a mão da minha, delicadamente. Não sei se ficou incomodada com meu fervor patriótico e com meu palavreado,

*image
not
available*

que ela era incapaz de formular: não ser reduzida à sua feminilidade. Como eu podia compreender, naquela idade e tão pouco informado do mundo em que vivia, que a palavra “feminilidade” podia ser uma prisão para as mulheres? Tad me dizia:

— Politicamente, minha irmã é uma analfabeta, mas sua maneira de sonhar consigo mesma é a de uma revolucionária que não sabe o que é.

Em meados de julho, Tad foi preso pela polícia, levado para Varsóvia e interrogado por vários dias. Era suspeito de ter escrito artigos “subversivos” em jornais proibidos que circulavam na Polônia à época. Por ordens superiores, foi solto, com um pedido de desculpas: culpado ou não, era impensável que o nome histórico dos Bronicki pudesse estar envolvido num caso como aquele.

Os rumores de guerra se tornavam cada dia mais fortes, como uma trovoadas contínua no horizonte; quando eu passeava pelas ruas de Grodek, desconhecidos vinham apertar minha mão ao perceber na lapela de meu paletó o pequeno escudo tricolor do qual eu descosturara, fio a fio, as palavras Clos Joli, mas ninguém na Polônia acreditava que depois de apenas vinte anos a Alemanha se lançasse numa nova derrota. Tad era o único que estava convencido da iminência de uma conflagração mundial, e eu o sentia dilacerado entre seu horror à guerra e a esperança de que um mundo novo nascesse das ruínas do antigo; eu também ficava constrangido quando ele, que conhecia minha ingenuidade e minha ignorância, me perguntava ansiosamente:

— Acha mesmo que o Exército francês é tão forte quanto dizem por aqui?

Ele logo se corrigia, com um sorriso.

— Você não sabe, obviamente. Ninguém sabe. São os chamados “imponderáveis” da história.

De nosso esconderijo às margens do Báltico, aonde íamos assim que o sol permitia, nada parecia mais distante de nós do que aquele fim do mundo do qual estávamos separados por algumas poucas semanas. Mesmo assim, eu sentia em minha

*image
not
available*

Eu tinha a impressão de que Bruno me evitava. Fiquei obcecado pela dor que via em seu rosto. Normalmente, ele passava ao piano cinco ou seis horas por dia e acontecia-me de ficar um bom tempo embaixo de sua janela, ouvindo-o tocar. Mas fazia algum tempo que tudo estava silencioso. Subi à sala de música: o piano havia desaparecido. Ocorreu-me então uma ideia aparentemente insana, mas que representava o que eu pensava do mal de amor: Bruno mandara atirar o piano no mar.

Naquela tarde, segui uma trilha em busca de Lila e ouvi, mesclados aos murmúrios das ondas, acordes de Chopin. Dei alguns passos no caminho arenoso coberto de agulhas verdes e cheguei à praia. À minha esquerda, avistei o piano sob um grande pinheiro inclinado na atitude das árvores muito velhas cujas copas parecem sonhar com o passado. Bruno estava sentado ao teclado a cerca de vinte passos de mim; eu o via de perfil e, sob o ar marinho, seu rosto me pareceu de uma palidez quase fantasmagórica, pois no fim do dia a luz mais atenua do que ilumina, enquanto os gritos das gaivotas rasgavam o ar como sirenes de nevoeiro.

Parei atrás de uma árvore; não para me esconder, mas porque tudo estava tão perfeito naquela sinfonia nórdica de palidez e de mar que temi interromper um desses momentos que podem durar uma vida inteira, por menor que seja a memória. Uma gaivota escapou da bruma, desenhou uma breve curva acima das águas e desapareceu como uma nota. O assobio da espuma, que não era mais do que isso, o Báltico, que não era mais do que uma extensão marinha, uma simples mistura de água e sal, tocava a areia diante do piano, como um cão que vem deitar aos pés de seu dono.

Então as mãos de Bruno se calaram. Aguardei um pouco e me

*image
not
available*

coisas. Mesmo quando Lila me deixava, eu podia vê-la com tanta clareza que chegava a me censurar por espioná-la. Talvez seja preciso ter amado várias mulheres para aprender a amar uma só? Nada pode nos preparar para um primeiro amor. E quando Tad às vezes me dizia “Você vai amar outras mulheres na vida”, essa não me parecia uma maneira gentil de falar da vida.

O castelo tinha três bibliotecas, onde volumes bordados a ouro e púrpura cobriam as paredes, e eu as visitava com frequência, para buscar nos livros uma razão de viver que não fosse Lila. Não achei nenhuma. Comecei a ficar com medo. Não tinha nem mesmo certeza de que Lila realmente me amasse, de que eu não fosse apenas “seu pequeno capricho francês”, como a sra. Bronicka dissera um dia. Lila se referia a nós — Tad, Bruno, Hans e eu — como seus “quatro cavaleiros do anti-Apocalipse”, que se tornariam benfeitores da humanidade, embora eu não soubesse nem mesmo montar a cavalo. Quando ela me abandonava a mim mesmo, portanto, eu me refugiava na leitura. Um dia, Stas Bronicki, que raramente víamos em Grodek — estava retido em Varsóvia por um caso de honra, pois dizia-se que Genia se tornara amante de uma grande personalidade do Estado, e seu marido não podia deixá-la sozinha na capital sem que o nome Bronicki fosse maculado por um excesso de obriedade —, encontrou-me mergulhado na leitura de uma edição original de Montaigne e declarou, abrangendo com um gesto amplo seus tesouros de bibliófilo:

— Passei aqui as horas mais sublimes e inspiradas de minha juventude e será aqui que, na velhice, voltarei a encontrar minha verdadeira razão de viver: a cultura...

— Meu pai nunca leu um livro na vida — murmurou-me Tad ao ouvido. — Mas o que vale é a intenção.

O estado de transe em que eu caía quando as ausências de Lila se prolongavam ou quando, cúmulo da infelicidade, Hans aparecia e os dois saíam a cavalo pelas trilhas da floresta não passava despercebido a meus amigos; Bruno me garantia que eu não devia sentir ciúme: Hans, era preciso reconhecer, era apenas um excelente cavaleiro. Tad se esforçava para conter seu

*image
not
available*

quanto à natureza e ao preço das peles. Ainda hoje podem ser encontrados detalhes sobre esse negócio nos arquivos nacionais poloneses. Uma das frases mais terríveis que me coube ouvir foi pronunciada por um membro iminente da Wild Life Society, depois da guerra: “Podemos ao menos nos alegrar que dezenas de milhões de animais tenham escapado ao massacre”.

Esperei Bronicki por uma boa meia hora. Eu não sabia o que ele queria comigo. Naquela manhã, tínhamos tido uma longa sessão de trabalho, em que se tratara de encontrar um lugar de armazenamento para as peles, onde pudessem ser preservadas, a fim de não inundar o mercado e não provocar uma queda dos preços. Havia também outro objeto de preocupação: a Alemanha teria se tornado uma concorrente e dizia-se que estava prestes a comprar a totalidade das peles soviéticas pelos cinco anos seguintes. Durante a reunião de negócios, Bronicki me cochichara aquela convocação um tanto solene. “Espere por mim às quatro horas, no Salão dos Príncipes”, foi a única coisa que me disse, de modo bastante ríspido, no fim das contas.

Quando a porta se abriu e Bronicki apareceu, percebi na mesma hora que já estava levemente “sob influência”, como se dizia com tanto tato na Polônia — *pod wpływem*. Acontecia-lhe de esvaziar meia garrafa de conhaque depois das refeições.

— Creio que é chegado o momento de termos uma conversa franca e sem rodeios, sr. Fleury.

Era a primeira vez que me tratava de “senhor” e me chamava por meu sobrenome, colocando no “Fleury” uma ênfase que me pareceu singular. Manteve-se à minha frente, de jaqueta e calça de golfe, as mãos atrás das costas, erguendo-se levemente na ponta dos pés de tempos em tempos.

— Não ignoro nenhum aspecto de sua relação com minha filha. O senhor é seu amante.

Ele ergueu a mão.

— Não, não, é inútil negar. O senhor, tenho certeza, é um jovem que tem o senso da honra e das obrigações que ela impõe. Acredito, portanto, que suas intenções sejam honoráveis. Quero apenas ter certeza disso.

*image
not
available*

aproximação ela vagamente pressentia quando murmurava, buscando refúgio em meus braços, que “a terra vai tremer”.

Esquadrões de cavaleiros com sabres e bandeiras atravessavam Grodek cantando para se posicionar na fronteira alemã.

Dizia-se que um oficial do Estado-Maior francês viera inspecionar as fortificações de Hel e as declarara “dignas, em certos aspectos, de nossa Linha Maginot”.

Praticamente toda semana Hans von Schwede atravessava clandestinamente a fronteira proibida em seu belo cavalo cinza e vinha passar alguns dias com os primos. Eu sabia que ele arriscava a própria carreira e às vezes até a vida para estar perto de Lila. Ele nos contou que fora alvo de vários tiros, uma vez do lado polonês, outra do lado alemão. Eu não suportava sua presença e menos ainda a amizade que Lila tinha com ele. Faziam longos passeios a cavalo pela floresta. Eu não compreendia aquela confraternização aristocrática apesar da situação; parecia-me haver nisso uma ausência de princípios. Eu ia para o salão de música onde Bruno estudava piano o dia inteiro. Ele se preparava para viajar à Inglaterra, convidado para o concurso Chopin em Edimburgo. Naqueles dias perigosos, a Inglaterra também tentava prodigalizar os incentivos de seu sereno poder à Polônia.

— Não entendo como os Bronicki podem receber em casa um homem que está prestes a se tornar oficial do exército inimigo — eu disse a ele, deixando-me cair numa poltrona.

— Os inimigos existem sob qualquer tempo, meu velho.

— Você um dia vai morrer de tanta gentileza, tolerância e delicadeza, Bruno.

— Bom, dadas as circunstâncias, não é uma maneira ruim de morrer.

Nunca me esqueci daquele momento. Nunca me esqueci de seus dedos compridos sobre o teclado, de seu rosto terno sob os cabelos emaranhados. Quando o destino distribuiu suas cartas, nada me preparou para a mudança brusca que provocou: as cartas de Bruno vieram de outro jogo. O destino às vezes joga de

*image
not
available*

No dia 27 de julho, dez dias antes de minha partida, um trem especial trouxe de Varsóvia Genitchka Bronicka, acompanhada do chefe do Exército polonês, o marechal Rydz-Śmigły em pessoa, um homem de cabeça raspada, sobrancelhas espessas e ferozes, que passou o tempo todo diante de um cavalete pintando delicadas aquarelas. Era o famoso “fim de semana da confiança”, celebrado por toda a imprensa por sua tranquila segurança; tratava-se de dar ao mundo a prova da serenidade com que o comandante supremo encarava o futuro, enquanto as vociferações históricas de Hitler se elevavam em Berlim. A foto do marechal pacificamente sentado no meio do “corredor” e pintando suas aquarelas foi reproduzida com comentários admirados pela imprensa britânica e francesa. Entre os outros convidados que Genitchka trouxera consigo de Varsóvia havia uma vidente famosa, um ator que nos foi apresentado como “o maior Hamlet de todos os tempos” e um jovem escritor que teria seu primeiro romance traduzido para todas as línguas a qualquer momento. A vidente foi convidada a ler nosso futuro numa bola de cristal, o que fez, mas se recusou a nos comunicar os resultados, pois, dada nossa juventude, teria sido fatal incitar-nos à passividade ao nos revelar o caminho já traçado para a vida de cada um de nós. Em contrapartida, não hesitou em vaticinar ao marechal Rydz-Śmigły a vitória do Exército polonês sobre a hidra hitlerista, concluindo sua profecia, porém, com uma observação um tanto sibilina: “Mas dará tudo certo no final”. Hans, que estava no castelo desde a véspera, manteve-se discretamente em seu quarto durante todo o “fim de semana da confiança”, como o evento fora descrito pela imprensa. O marechal pegou o trem na mesma noite, seguido pelo maior Hamlet de todos os tempos, depois que este, ao fim do jantar,

*image
not
available*

horrores que aconteciam na Espanha estavam de certo modo diretamente ligados à sua obra. Tudo havia começado com os surrealistas, ela dizia, num ar que Tad chamava de “definitivo”.

Assim que o jantar terminou, beijei a mão de Genitchka e voltei a meu quarto. Lila olhara para mim várias vezes com espanto, pois, como eu ainda não aprendera a arte mundana de fazer caras e bocas para ocultar meus sentimentos, tive dificuldade de dissimular minha fúria. Quando deixei a sala de jantar, ela me seguiu e me deteve ao pé da escada.

— O que foi, Ludo?

— Nada.

— O que foi que eu fiz?

— Me deixe em paz. Não há só você no mundo.

Eu nunca tinha falado assim com ela. Se eu fosse dez anos mais velho, teria chorado de raiva e humilhação. Mas ainda era jovem demais: tinha uma ideia de virilidade em que as lágrimas sempre ficavam para as mulheres e em que o homem era excluído de seu lado fraterno.

Seus lábios tremeram de leve. Eu a ofendera. Senti-me melhor. Menos sozinho.

— Com licença, Lila, tenho o coração pesado. Não sei se vocês têm essa expressão em polonês.

— *Cieźkie serce* — ela disse.

— Amanhã explico tudo.

Subi as escadas. Senti que finalmente falara com Lila de igual para igual. Virei-me. Havia um pouco de ansiedade em sua expressão, pareceu-me. Talvez ela temesse me perder: tinha uma imaginação realmente fértil.

Não era apenas de mim que se tratava: sentia-me atingido no âmago de minha condição. Todos os Fleury tinham sido desonrados pelo insulto. O fato de eu ser escolhido por Hans como a vítima perfeita, com tudo o que minhas origens humildes podiam conferir de credibilidade ao papel de culpado *natural*, mergulhava-me no estado de frustração e fúria que, na história, sempre fez com que os papéis de vítima e de algoz se alternassem num metrônomo do ódio. Eu estava tomado por

*image
not
available*

atenção no sangue que corria de seu rosto.

— Imbecil! — ele disse. — Maldito imbecil!

Ele atirou o sabre contra a parede e me deu as costas.

Havia sangue no tapete.

Hans apanhou a caixa de Players, pegou um cigarro.

— Você errou em se apressar — ele me disse. — De todo modo, não vai demorar.

Vi-me sozinho. Olhei estupidamente para as manchas de sangue a meus pés. Eu me esvaziara da indignação e do rancor, mas sentia um mal-estar do qual não conseguia me livrar. A atitude de Hans tinha uma dignidade que me incomodava.

Só fui entender o que me perturbara na manhã seguinte. Marek fora preso com os objetos roubados. Ele confessara tudo. Aproveitara-se da presença no castelo de convidados tão pouco respeitáveis quanto a vidente e o escritor para saquear o gabinete e o pequeno salão da sra. Bronicka; surpreendido por um criado que entrara em seu quarto, ele guardara a caixa em meu armário para buscá-la mais tarde. Minha presença o atrasara uma primeira vez e ele só pudera recuperar seu butim durante o jantar.

Eram nove horas da manhã quando Bruno me contou isso na sala de jantar, onde eu me juntara a ele para o café. Senti um frio na espinha e esqueci do bule que segurava, até que a xícara transbordou sobre a toalha. Empurrei minha cadeira para trás e saí da mesa sob o olhar espantado de Bruno. Eu nunca sentira tanto ódio na vida, e o homem que eu odiava com tanta intensidade era eu mesmo. Entendi que, julgando-me vítima de um stratagema ignóbil da parte de meu rival, eu mesmo me tornara culpado de ignomínia. No entanto, eu não podia ir ao encontro de Hans e lhe apresentar minhas desculpas. Preferia assumir minha própria mediocridade a me humilhar na frente *deles*.

Não descí para o almoço e, por volta das quatro da tarde, comecei a arrumar minha mala. Quase lamentei não ter roubado os objetos e não ter sido publicamente descoberto como ladrão, pois essa teria sido uma maneira agressiva e quase triunfal de

*image
not
available*

— É obviamente bastante assustador amar e sentir que a única coisa que podemos fazer de nosso amor é mais um concerto. Esta, no entanto, é uma fonte de inspiração que não secará tão cedo. Tenho o suficiente para no mínimo cinquenta anos, se meus dedos aguentarem. Posso muito bem imaginar Lila idosa, sentada na sala, e vê-la voltar a seus vinte anos ao me ouvir falar dela.

Ele fechou os olhos e manteve as mãos sobre as pálpebras por um instante.

— Enfim. Parece que há amores que se acabam. Li isso em algum lugar.

Passei minhas últimas horas com Lila. A felicidade tinha uma presença quase audível, como se o ouvido, rompendo as superfícies sonoras, penetrasse nas profundezas do silêncio, até então ocultas pela solidão. Nossos momentos de sono tinham a tepidez de quando não se pode dizer onde começa o sonho e onde começa o corpo, onde começa o ninho e onde começam as asas. Ainda sinto seu rosto em meu peito — uma marca invisível, sem dúvida, mas que meus dedos fielmente encontram nas horas duras desse mal-entendido físico que é um corpo sozinho.

Minha memória guardava cada instante, pondo-o de lado; de onde venho, chamamos isso de pé-de-meia. Eu tinha o suficiente para uma vida inteira.

*image
not
available*

sua coleção. Eu nunca vira em seu rosto aquela explosão de angústia.

— A guerra foi declarada — ele me disse, com a voz embargada.

Ele arrancou da parede seu Jaurès e o pisoteou. Dei um pulo para a frente, agarrei meu tio pela cintura e o empurrei para a rua. Eu não sentia nada, não pensava em nada. A única coisa que sabia era que precisava salvar as últimas pipas.

*image
not
available*

“chinesas” — e decidindo se as couves-flores eram “dignas de aparecer”. Duprat servia os legumes intactos, “orgulhosos”, como dizia; tinha horror a purês, que viravam moda, como se a França pressentisse o que a aguardava.

— Hoje tudo vira purê — ele reclamava. — Purê de aipo, purê de brócolis, de agrião, de cebola, de ervilha, de funcho... A França está perdendo o respeito pelos legumes. Sabe o que toda essa mania de purê anuncia, meu pequeno Ludo? Penúria. Para todos, você vai ver.

Era nos açougues que Marcellin Duprat se revelava em sua imperial exigência, principalmente quando se tratava de sua querida tripa normanda. Vi-o empalidecer de raiva por suspeitar que o sr. Dullin, que seria fuzilado em 1943, lhe dera tripas provenientes de dois bois diferentes.

— Dullin — ele berrou —, a próxima vez que tentar me aplicar esse golpe será a última! Ontem me passou as tripas de dois bois; como quer que cozinhem do mesmo jeito? E quero o pé do mesmo boi, considere-se avisado!

Ele ria quando via o açougueiro oferecer a uma dona de casa uma paleta de vitelo em “melão”, toda redonda e amarrada, bonita de ver.

— Pode ter certeza de que encheram tudo de gordura para dar peso e, se pudessem, colocariam os cascos e os chifres junto!

Esse “retorno à terra” sob a égide de Marcellin Duprat me fazia bem. Continuei vendo Lila, mas mais privadamente. Aprendi a rir e a brincar com os outros para esconder sua presença. O dr. Gardieu ficou satisfeito, ainda que meu tio desconfiasse de que eu simplesmente aprendera a disfarçar.

— Sei que você não está curado e que o que tem é incurável em nossa família — ele me dizia. — Felizmente, aliás. Algumas curas nos deixam pior que a doença.

Eu fazia o melhor que podia. Precisava aguentar firme, e a própria Lila exigia isso de mim. Se me deixasse levar, tinha certeza de que chegaria ao desespero, e esta era a maneira mais certa de perdê-la.

O Clos Joli ficava perto do cruzamento das estradas de Noisy

*image
not
available*

Cheguei a Paris com quinhentos francos no bolso e percorri por um bom tempo uma cidade que me era desconhecida em busca de um lugar para ficar. Encontrei um quarto por cinquenta francos ao mês na Rue du Cardinal Lemoine, em cima de uma danceteria.

— O preço é bom por causa do barulho — disse o proprietário.

Os oficiais e os soldados poloneses que tinham conseguido chegar à França pela Romênia e que eram recebidos com um pouco de condescendência respondiam a minhas perguntas com má vontade: não havia nenhum Bronicki entre eles, eu precisaria me dirigir ao Estado-Maior do Exército polonês que se reunia em Coëtquidan. Eu ia todos os dias à Rue de Solférino: era educadamente mandado embora. Fiz novas tentativas junto às embaixadas da Suécia e da Suíça e junto à Cruz Vermelha. Precisei sair do quarto que alugara, depois de esbofetear o proprietário: ele me dissera que devíamos nos entender com Hitler.

— É preciso reconhecer que ele é um líder, precisamos de um homem assim.

Sua mulher chamou a polícia, mas consegui fugir e me esconder num mobiliado da Rue Lepic. O hotel era frequentado por prostitutas. A proprietária era uma mulher alta e magra, de cabelos pintados de preto, olhar duro e direto que me dava a impressão de estar sendo examinado, estudado e esquadrinhado. Raras vezes a vi sem um maço de Gauloises ao alcance da mão e sem um cigarro no canto dos lábios, tanto que seu rosto, em minha memória, permanece envolto em fumaça.

Ela se chamava Julie Espinoza.

Eu passava o tempo todo no quarto, deitado, libertando a

Polônia e abraçando Lila às margens do Báltico.

Até que não tive mais dinheiro para pagar o aluguel. Em vez de me jogar na rua, a proprietária passou a me convidar a comer com ela na cozinha todos os dias. Ela falava de muitas coisas, não me fazia pergunta alguma e me observava com atenção, acariciando Tchong, seu pequinês, uma criaturinha de focinho preto, pelos brancos e marrons, sempre acomodado sobre seus joelhos. Eu me sentia desconfortável sob aquele olhar inflexível; os olhos pareciam à espreita, os cílios me faziam pensar em patas de aranhas vindas do fim dos tempos. Fiquei sabendo que a sra. Espinoza tinha uma filha que estudara no exterior.

— Em Heidelberg, na Alemanha — acrescentou, num tom quase triunfante. — Saiba, meu pequeno Ludo, que entendi o que iria acontecer. Desde Munique. A pequena tem um diploma que será muito útil quando os alemães chegarem.

— Mas...

Eu ia dizer “sua filha é judia, como a senhora”, porém ela não me deu tempo.

— Sim, eu sei, mas seus papéis são o que há de mais ariano — ela anunciou, com uma das mãos em Tchong, enrolado sobre suas coxas. — Dei um jeito e ela tem o tipo certo de nome. Dessa vez não vai ser fácil nos pegar, pode acreditar. Não a mim, em todo caso. Temos mil anos de prática e experiência. Alguns esqueceram, ou acreditam que tudo isso acabou, que agora temos a civilização — os direitos do Homem, como dizem os jornais —, mas eu conheço seus direitos do Homem. São como rosas. Têm cheiro bom e nada mais.

Julie Espinoza fora assistente de madame em “casas” de Budapeste e Berlim por vários anos, falava húngaro e alemão. Notei que sempre usava o mesmo broche preso ao vestido, um pequeno lagarto de ouro, ao qual parecia muito apegada. Sempre que estava preocupada, seus dedos brincavam com o broche.

— Seu lagarto é muito bonito — disse-lhe um dia.

— Bonito ou não, o lagarto é um animal que sobrevive desde o início dos tempos e que não tem igual quando se trata de desaparecer entre as pedras.

Ela tinha uma voz viril e quando estava contrariada começava a praguejar como um carroceiro — diz-se “como um carroceiro”, mas eu nunca tinha ouvido ninguém falar daquele jeito, na província —, e a vulgaridade de suas palavras às vezes era tão grande que a própria Madame Julie, no fim, ficava incomodada. Certa noite, parou no meio de um modesto “puta merda” precedido por outros palavrões que prefiro não escrever, por respeito e gratidão a quem tanto devo, interrompeu sua diatribe, que se referia a não sei que problema com a polícia hoteleira, e começou a pensar.

— É curioso, na verdade. Eles só me ocorrem em francês. Nunca me ocorriam em húngaro ou alemão. Talvez me faltasse vocabulário. Em Buda e em Berlim, aliás, os clientes eram diferentes. Eram o que havia de melhor. Vinham quase sempre de smoking ou casaca, depois da ópera ou do teatro, e nos beijavam a mão. Aqui, é uma ralé.

Ela pareceu preocupada.

— Isso não está certo — declarou com firmeza. — Não posso me permitir ser vulgar.

E concluiu com uma frase misteriosa, que sem dúvida lhe escapou, pois ainda não me concedera sua total confiança:

— É uma questão de vida ou morte.

Ela pegou o maço de Gauloises de cima da mesa e saiu, deixando-me bastante espantado, pois eu não via de que modo a vulgaridade de seu linguajar pudesse constituir um perigo para ela.

Meu espanto se transformou em estupor quando aquela mulher já avançada em idade começou a fazer aulas de etiqueta. Uma velha solteirona, que fora diretora de um pensionato para moças, vinha duas vezes por semana ajudá-la a adquirir o que ela chamava de “classe”, palavra que despertou em minha memória as piores lembranças de humilhações em Grodek, o caso dos objetos roubados, minha relação com Hans e a solene advertência de Stas Bronicki, aquele filho da puta — para falar como Madame Julie —, que aceitara que eu fosse amante de sua filha, mas me convidara a perder qualquer esperança de

casamento com ela, dadas as minhas humildes origens e a insigne elevação do nome Bronicki. Minha irritação cresceu quando ouvi a professora explicar para Madame Julie o que ela entendia por “classe”:

— Não basta, veja bem, adotar um comportamento diferente do das camadas inferiores da sociedade. Pelo contrário. Acima de tudo, nada deve parecer *adquirido*. Tudo deve parecer natural, como que de nascença...

Fiquei indignado com o amável sorriso com que Madame Julie aceitava aquelas advertências, pois muitas vezes eu a vira insultar um cliente que “se achava no direito”. Ela não demonstrava a menor impaciência e obedecia. Surpreendi-a com um lápis entre os dentes, ou entre os lábios, recitando uma fábula de La Fontaine e parando para receber um casal, o que acontecia com frequência, pois cada uma das moças facilmente fazia de quinze a vinte programas por dia.

— Aparentemente, tenho um sotaque suburbano — ela me explicou. — De Pigalle. A velha bruaca o chama de “a fala do povo” e me prescreveu exercícios para me livrar dele. Pareço uma idiota, eu sei, mas o que posso fazer, é necessário.

— Por que tanto trabalho com isso, Madame Julie? Não é da minha conta, mas...

— Tenho meus motivos.

Sua maneira de caminhar também a preocupava.

— Pareço um homem — ela reconhecia.

Ela tinha um balanço de uma perna para a outra, acompanhado de um movimento nos ombros, os antebraços um pouco levantados, os cotovelos afastados, um caminhar que de fato não tinha nada de feminino e não deixava de lembrar a postura dos lutadores profissionais no ringue. A srta. De Fulbillac o deplorava vivamente.

— Não pode sair assim na rua!

Pude ver, então, Madame Julie caminhar vagarosamente de uma ponta à outra da sala, com três ou quatro livros equilibrados na cabeça.

— Mantenha-se ereta, senhora — ordenava a srta. De

Fulbillac, cujo pai fora oficial da Marinha. — E, por favor, evite estar sempre com um cigarro na boca, não pode haver nada mais errado.

— Merda — dizia Madame Julie quando a pirâmide de livros caía ruidosamente.

Ela logo acrescentava:

— Preciso perder o hábito dos palavrões. Eles saem de repente e na hora errada. Eu já disse merda tantas vezes na vida que é como uma segunda natureza.

Seu porte não era “dos nossos”, como a srta. De Fulbillac havia comentado comigo diversas vezes; para mim, ela parecia um pouco cigana. Muitos anos depois, quando eu já havia adquirido certos conhecimentos em matéria de arte, descobri que os traços de Julie Espinoza lembravam o rosto das mulheres dos mosaicos bizantinos e das efígies pintadas em madeira nos sarcófagos de Sacara. Seja como for, era um rosto de uma época muito antiga.

Uma vez, entrando na sala onde os clientes pagavam pelo quarto antes de subir, encontrei Julie Espinoza sentada atrás do balcão com um livro de história na mão. De olhos fechados, com um dedo pousado numa página do livro aberto, ela recitava uma lição, como se tentasse decorá-la:

— Pode-se dizer, portanto, que o almirante Horthy tornou-se regente da Hungria muito a contragosto... Sua popularidade, já grande em...

Ela deu uma espiada no livro.

— ... já grande em 1917, depois da batalha de Otranto, cresceu tanto que, depois que ele esmagou a revolução bolchevique de Béla Kun, em 1919, precisou se curvar à vontade popular...

Ela notou meu espanto.

— O que foi?

— Nada, Madame Julie.

— Não se meta.

Ela mexeu em seu pequeno lagarto de ouro com a ponta dos dedos, depois se acalmou e acrescentou, suavemente:

— Estou treinando para quando os alemães chegarem.

O tom de certeza com que me anunciava o impensável, isto é, que a França pudesse perder a guerra, tirou-me do sério e me fez sair batendo a porta.

Pensei que Madame Julie estivesse se preparando para abrir uma casa de “classe”, depois me lembrei que era judia e não entendi como uma promoção social daquelas pudesse acontecer se os nazistas ganhassem a guerra, já que ela estava tão convencida disso. Talvez ela pensasse em abrir um bordel de luxo em Portugal, país no qual parecia interessada.

— A senhora vai se refugiar em Portugal?

A leve penugem escura acima de seus lábios teve um estremecimento de desprezo.

— Não sou do tipo que se refugia.

Ela apagou o cigarro, olhando-me bem dentro dos olhos.

— Mas não serei pega, pode ter certeza.

Fiquei desorientado com aquela mistura de coragem e derrotismo. Eu era jovem demais para entender tamanha vontade de sobreviver. E no estado de ansiedade e de privação afetiva em que me encontrava mergulhado, a vida não me parecia merecer tanto apego.

Julie Espinoza continuou me observando. Era como se me submetesse a um julgamento e se preparasse para pronunciar um veredicto.

Uma noite, sonhei que estava em cima do telhado e que Madame Julie me olhava lá de baixo, na calçada, esperando que eu me atirasse para me pegar nos braços. Até que um dia, sentado diante dela na cozinha, escondi o rosto entre os braços e comecei a chorar. Ela me ouviu até as duas horas da manhã, ao som dos bidês, que no Hôtel du Passage nunca paravam, por assim dizer.

— Não é possível que alguém seja tão burro — ela murmurou quando contei de minha intenção de voltar à Polônia a todo custo. — E não entendo por que não foi aceito no Exército, burro desse jeito.

— Fui dispensado. Meu coração bate rápido demais.

— Ouça bem, pequeno. Tenho sessenta anos, mas às vezes sinto como se vivesse, ou sobrevivesse, como preferir, há cinco mil anos, e mesmo como se estivesse aqui desde antes do início do mundo. Não se esqueça do meu nome. Espinoza.

Ela riu.

— Quase como Spinoza, o filósofo, talvez tenha ouvido falar. Eu poderia tirar o *E* e me passar por Spinoza, tamanho o meu conhecimento...

— Por que diz isso?

— Porque logo as coisas vão ficar tão difíceis, vai haver uma catástrofe tão grande, que você e seu grande dodói vão desaparecer no meio de tudo. Vamos perder a guerra e vamos ter os alemães na França.

Larguei o copo.

— A França não pode perder a guerra. É impossível.

Ela semicerrou um olho, acima do cigarro:

— Impossível não é francês — ela disse.

Madame Julie se levantou, o pequinês nos braços, e foi buscar a bolsa em cima da poltrona de plush verde-garrafa. Pegou um maço de dinheiro e voltou à mesa.

— Pegue isso, para começar. Haverá mais depois.

Olhei para o dinheiro em cima da mesa.

— Então, o que está esperando?

— Madame Julie, aqui há o suficiente para viver por um ano, e não sou tão apegado à vida assim.

Ela gargalhou.

— Ele quer morrer de amor — ela disse. — Então se apresse. Porque logo todos vão começar a morrer por todos os lados, e não vai ser de amor, acredite.

Senti um arroubo de simpatia por aquela mulher. Talvez começasse a pressentir que, quando se falava com desprezo de “putas” e “cafetinas”, situava-se a dignidade humana do pescoço para baixo, para ficar mais fácil de esquecer as torpezas da cabeça.

— Ainda não entendi por que quer me dar esse dinheiro.

Ela estava sentada na minha frente, com seu xale de lã malva

sobre o peito reto, com seus cabelos pretos, seus olhos ciganos e seus dedos compridos que brincavam com o pequeno lagarto de ouro preso à roupa.

— Você não entende, claro. Então vou explicar. Preciso de um rapaz como você. Estou formando uma pequena equipe.

Foi assim que, em fevereiro de 1940, enquanto os ingleses cantavam “We’re Gonna Hang Out the Washing on the Siegfried Line”, cartazes proclamavam que >VENCEREMOS >PORQUE >SOMOS >MAIS >FORTES, e o Clos Joli retinha brindes à vitória, uma velha cafetina se preparava para a ocupação alemã. Não creio que mais ninguém no país tenha tido a ideia de organizar o que mais tarde seria chamado de “uma rede de resistência”. Fui encarregado de estabelecer contatos com certo número de pessoas, dentre as quais um falsário que, mesmo depois de vinte anos de prisão, ainda tinha a nostalgia do ofício. Madame Julie me convenceu tão bem a guardar segredo de tudo que, ainda hoje, mal ousou escrever o nome delas. Havia o sr. Dampierre, que vivia sozinho com um canário — é preciso reconhecer que a Gestapo poupou o canário e o recolheu depois que o sr. Dampierre morreu de um ataque cardíaco durante um interrogatório, em 1942. Havia o sr. Pageot, mais tarde conhecido pelo nome de Valérien, dois anos antes de ser fuzilado com vinte outros no monte de mesmo nome, e o comissário de polícia Rotard, que se tornou chefe da rede Alliance e que fala da sra. Julie Espinoza em seu livro *Os anos subterrâneos*: “Ela tinha uma total ausência de ilusões, sem dúvida decorrente de uma longa prática de seu ofício. Eu às vezes imaginava a desonra entrando na casa daquela mulher que a conhecia tão bem e fazendo-lhe confidências. Devia murmurar-lhe ao ouvido: ‘Minha hora está chegando, cara Julie. Prepare-se’. Em todo caso, ela conseguia convencer, e eu a ajudei a formar um grupo que se reunia regularmente para planejar as diversas medidas a serem tomadas, desde documentos falsos até a escolha de lugares seguros para nos encontrarmos ou nos refugiarmos sob a ocupação alemã, da qual ela não duvidou por um instante sequer”.